

Ficha de Inventário (Anexo I)

I. Identificação

1. Domínio:

Práticas sociais, rituais e eventos festivos

2. Categoria:

Festividades cíclicas

3. Denominação:

Procissão dos Penitentes de Lavacolhos

4. Outras denominações:

5. Contexto tipológico:

A Procissão dos Penitentes é um ritual que se realiza na aldeia de Lavacolhos do concelho do Fundão, uma tradição praticada na Sexta-Feira Santa às zero horas, acto com forte simbologia religiosa, pois representa o caminho de Cristo para o calvário, embora todo o seu desenrolar tenha um forte vínculo ao paganismo popular. Esta prática não é organizada nem tem o aval eclesiástico, antes, consiste numa prática espontânea de religiosidade popular enraizada na comunidade local.

Estes géneros de procissões proliferaram no Império Português nos séculos XVII e XVIII através das ordens terceiras, chegando vários tipos performativos desta procissão até aos nossos dias. Na maioria, encontramos-os nas grandes urbes e ainda ostentam uma forte arte performativa barroca. Por exemplo em Mafra, no quarto domingo da Quaresma, realiza-se a procissão da penitência, alusiva à Ordem Terceira de São Francisco com origem em 1740. Esta procissão é realizada durante o dia, não retrata os mistérios da Paixão e nela participam apenas três penitentes.

Já na religiosidade popular, estas procissões assumem uma familiarização mais visceral ao mundo rural e agrário, com uma prática mais simplista, mas fortemente carregada de simbologia religiosa, quase sempre retratando os últimos dias de Cristo.

Em Castedo do Douro, existe a Procissão de Penitência da Nossa Senhora das Dores, que se realiza na festividade da aldeia de Castedo, no último domingo de Julho, fora do contexto quaresmal. Uma procissão realizada maioritariamente por mulheres, descalças, cobertas com um lençol e uma coroa de hera. Não existe qualquer relação com a Paixão de Cristo na simbologia desta prática, na sua génese está o pagamento de promessas feitas pelas participantes.

A Beira Baixa é um caso *sui generis*. Com uma fraca densidade demográfica, ainda consegue manter vivas as suas procissões dos penitentes. Elas existem na vila do Paúl, na aldeia de Lavacolhos e na aldeia da Enxabarda. Através da dissertação de José Bernardo Pascoal para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia, podemos concluir que a procissão dos penitentes da Enxabarda é realizada pela comunidade, na madrugada de Sexta-feira Santa para Sábado de Aleluia, simboliza a Paixão de Cristo, a sua performance é inspirada na procissão dos Penitentes de Lavacolhos e teve origem em meados do século XX.

Em relação à procissão do Paúl, esta também representa a Paixão de Cristo, mas não se sabe qual a data da sua origem. Nas memórias paroquiais de 1758 não consta a existência de qualquer irmandade nesta vila. Jaime Lopes Dias, do IX Volume seu livro Etnografia da Beira, apesar de nunca ter assistido à procissão, diz-nos que era realizada por homens, a sua descrição é muito semelhante à de Lavacolhos, e afirma que deve de ter adquirido alguma notoriedade com a participação da aldeia no concurso “Aldeia mais Portuguesa de Portugal”, realizado em 1938. Hoje a procissão não é realizada pela comunidade, mas sim pelo agrupamento de escuteiros 506 do Paúl.

Os Mistérios da Páscoa na Beira são um verdadeiro tesouro de religiosidade popular, um enorme conjunto de tradições religiosas que fazem parte de um património cultural imaterial ímpar. Como a “Encomendação das Almas”, os “Martírios”, as “Alvíssaras”, o “Canto de Verónica”. A procissão dos Penitentes de Lavacolhos também faz parte deste acervo de ancestralidade popular.

Mas por ter existido, pelo menos desde 1758, uma Irmandade das Almas na Aldeia, poderá esta procissão ter raízes bem mais longínquas do que os recentes processos de folclorização de religiosidade popular que despertaram no século XIX?

6. Contexto de produção

6.1. Contexto social

6.1.1. Comunidade:

Especificações.

A Quaresma é, de facto, uma época na qual se manifesta o impacto significativo do turismo religioso na região, transformando a sua dinâmica local. Se o turismo pode, por um lado, ameaçar a dita especificidade local da procissão, é notório que a afluência de público à localidade concede ânimo e propósito a quem ainda participa, anualmente, nestas performances. Por outro lado, nem os participantes nem a natureza da própria manifestação religiosa são estanques, provando-se capaz de se readaptar às mudanças e adversidades dos tempos, sobrevivendo através daqueles onde ainda reside a vontade de as manter vivas.

Mais do que um evento que respeita às gerações mais antigas, este tipo de acontecimento é, fundamentalmente, motivo de convívio, encontro, fortalecimento das raízes e de criação de laços de amizade. Este fenómeno é particularmente importante, sobretudo tratando-se de uma localidade que, afectada pelo despovoamento das últimas décadas, vê os “filhos da terra” regressar apenas nas férias, interrupções lectivas ou épocas festivas, como é o caso da Páscoa. É notória a importância desta tradição na manutenção da memória colectiva e na coesão social e cultural da comunidade.

As novas gerações, por afectivo contágio, participam activamente na salvaguarda desta tradição; alguns jovens assumem a iniciativa de nela participar pelo convívio tácito na sua concentrada preparação. Muitos deles fazem-no, também, pelos laços que a participação nestes ritos estabelece com a sua terra e com os seus. Contribuir para a continuidade da manifestação é assumir-se e sentir-se parte da comunidade, replicando os gestos dos seus antepassados, unindo-se a eles e, conseqüentemente, mantendo vivas as suas memórias e as suas heranças.

Fica também claro que o sector turístico tem a capacidade de promover, hoje, uma experiência de alteridade positiva, ou seja, de troca de conhecimentos e de interacção entre os locais (que habitam o espaço e honram os seus antepassados) e os turistas que desejam enriquecer a sua estadia ainda que temporária, participando de experiências únicas e usufruindo da oferta cultural local. O potencial de desenvolvimento económico e de dinamismo do turismo religioso é, por isso, tanto do interesse dos visitantes como dos locais, que procuram valorizar algo (neste caso específico, uma manifestação religiosa) que já possuem e que caracteriza sua identidade, ao mesmo tempo que evitam subvertê-la, submetê-la ou explorá-la, unicamente, de acordo com finalidades turísticas. A resiliência da comunidade de Lavacolhos em “fazer acontecer” esta manifestação anualmente, perante o evoluir das contemporaneidades globalizantes, é abismal.

No entanto, numa profunda análise desta manifestação de património cultural imaterial, reitera-se o facto de a Procissão dos Penitentes se inserir no domínio de uma religiosidade popular que escapa, em muitos aspectos, ao âmbito da religião oficial – e no decorrer da qual o grau de religiosidade ou anticlericalismo dos seus participantes não é sine qua non. Ademais é, fundamentalmente (e acima de tudo), fruto de fé, de crenças, de tradições e de memórias que se fazem vivas através do envolvimento e da actividade do povo.

6.1.2. Grupo(s):

A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é realizada todos os anos pela sua comunidade “População de Lavacolhos”, residentes e conterrâneos que abraçaram a diáspora, ou mesmo amigos que têm uma ligação forte a Lavacolhos. A participação pode ser directa, como elementos da procissão ou no público.

O executivo da Junta de Freguesia além de guardar parte do património móvel, também participa na fase preparatória, realizando os contactos necessários para que a procissão possa ser realizada. Contacta o Fundão Turismo e fornece toda a informação para que possa constar na programação da Quadragésima – Ciclo de Tradições da Quaresma e Semana Santa. E também a Câmara Municipal do Fundão para que na hora do evento a iluminação pública da aldeia esteja toda desligada.

6.1.3. Indivíduo(s):

Não existe indivíduos específicos relacionados com a procissão, apenas uma intergeracionalidade saudável dos participantes, em que a liberdade participativa não está subjacente ao verdadeiro sentir no acto de fé, mas sim numa contextualização expressiva com conhecimento e respeito pelo rito.

6.2. Contexto territorial

6.2.1. Local: Aldeia de Lavacolhos

6.2.2. Freguesia: Lavacolhos

6.2.3. Município: Fundão

6.2.4. Distrito: Castelo Branco

6.2.5. País: Portugal

6.2.6. NUTS II: Centro - Distrito de Castelo Branco

6.2.7 NUTS III: Beira Baixa - Fundão

6.3. Contexto temporal

6.3.1. Periodicidade: A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é uma celebração com regularidade anual.

6.3.2. Data(s):

A data não é fixa, sendo determinada com base no calendário da Igreja Católica. A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é realizada às zero horas da Sexta-Feira Santa. Primeira sexta-feira após a primeira lua cheia, que ocorre depois do equinócio de Outono.

7. Caracterização

7.1. Caracterização síntese:

A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é um evento cíclico da Páscoa, com forte identidade cultural e de pertença à comunidade, realiza-se às zero horas de Sexta-Feira Santa. Consiste no replicar das paragens da Via Sacra, uma prática devocional religiosa na

qual os fiéis, imitando os passos de Cristo, percorrem mentalmente – e com orações próprias – o percurso de Jesus desde o Pretório de Pôncio Pilatos até ao Monte do Calvário, carregando a cruz.

Uma prática que deverá ter nascido das penitências monásticas, que tem na sua génese a salvação das almas.

A Páscoa nos meios rurais é momento de encontro, pois é nesta época do ano que muitos emigrantes regressam temporariamente às suas terras para estarem junto da família. A Procissão dos Penitentes também alavanca este sentir de proximidade e coesão: é nesta celebração, feita com os locais e com os que regressam, que a comunidade se transforma numa família global. A procissão é espontânea, sem organização prévia nem ensaios; cerca de uma hora antes da sua realização, grande parte dos participantes mais jovens junta-se no café da aldeia a confraternizar; perto da meia-noite correm para a igreja; aqui, vestem a indumentária e tomam posse dos seus artefactos. As luzes da aldeia apagam-se e o público exclama de admiração: chegou a hora de viajar para outra dimensão, o mundo dos mortos. Na assistência palpita um colectivo arfar cardíaco. Os Regras numa ladainha cantam os primeiros versos de uma reza profundamente sentida. Abre-se a porta da igreja, o primeiro grupo de penitentes já com suas almas transfiguradas e pés descalços cravados no chão, sai e dá início à procissão. É praticamente impossível descrever por palavras tão bela manifestação, porque realmente só se consegue sentir quando se está presente.

7.2. Caracterização desenvolvida:

A Procissão dos Penitentes é um ritual religioso e de manifestação cíclica inserida nas manifestações religiosas da Quaresma. O motivo ou acto penitencial está intimamente enraizado neste tempo sagrado e na procissão que nele se realiza. A participação dos penitentes, com um pendor tanto teísta quanto pagão, é um acto externo e público de fé, de reconhecimento, de arrependimento e, para muitos, de redenção dos pecados. No entanto, é também – e acima de tudo – um acto que evidencia o contributo pessoal à comunidade. A fé interior manifesta-se e vive-se publicamente, as ruas convertem-se no espaço sagrado por excelência, que se manifesta (hierofania) e demarca-se do ordinário, do natural e do profano. Existe uma excelente relação entre a comunidade e a igreja local, e esta não se impõe à procissão; mas as alusões tão vincadas ao profano talvez tenham imposto à igreja uma participação inexistente ao longo dos anos.

A componente cénica desta procissão é o seu aspecto mais importante, submetendo-se à interpretação (e fé) de quem a observa e dela participa. Para alguém que, de fora, assiste à procissão, a cenografia e as performances associadas revelam uma profunda natureza artística, imposta pelos vultos trajados de branco (os Penitentes). Estas almas deambulantes, que percorrem as ruas escuras da localidade, são apenas iluminadas pela luz da lua.

Apesar de não existir qualquer ensaio ou reunião organizacional prévia, nada na procissão é improvisado, verificando-se uma cadência muito própria na sua estruturação e, com o passar dos anos, o saber fazer passa de geração em geração, permitindo aos participantes subir na dissimulada hierarquia.

Cerca de meia hora antes do início da procissão, dentro da igreja, os elementos mais velhos, que já participam na procissão há vários anos, preparam os objectos que fazem parte do ritual para serem entregues aos penitentes que enquadram as cenografias. Estes elementos mais velhos quase sempre assumem no cortejo o papel de guardas. A maioria dos guardas já fez pelo menos o meio século de vida, e todos eles já participaram vários anos como penitentes. Hipoteticamente, ser guarda é praticamente um “rito de passagem tardio”.



Foto de Paulo Barbosa - 2022

Os penitentes que já têm alguma experiência são os que desempenham as tarefas que dão vida aos oito quadros cénicos. Os lugares na procissão não são cativos nem sujeitos a qualquer nomeação, são quase todos assumidos pacificamente pelos participantes; quase sempre, o primeiro penitente, com mais experiência, agarra o artefacto pertencente a um quadro cénico e assume o papel. Mas a último quadro cénico, o Senhor dos Passos, é de um grau de exigência física extrema, uma verdadeira penitência, e acaba por ser um lugar na procissão pouco apelativo. Felizmente o penitente Luís Filipe Barroca Simão, voluntariamente, tem dignificado este papel, talvez há mais de 25 anos consecutivos.



Fotos de Paulo Barbosa – Preparação 2022

Os iniciados participam como penitentes, mas com funções performativas mais fáceis e discretas. Durante o cortejo vão em pequenos grupos acompanhados e auxiliados por um penitente experiente. Durante o cortejo apenas têm que caminhar nos seus devidos lugares e pararem quando os Regras rezam e, no final da reza, responder “de nós”, e depois das três chicotadas continuarem a caminhada até ao final, que só termina quando entram na igreja.



Foto de Diamantino Gonçalves

O primeiro acto ainda dentro da igreja, é o anúncio sonoro da procissão. Os Regras rezam, os restantes penitentes respondem, ouve-se três chicotadas, a porta da igreja abre e a primeiro grupo de penitentes inicia a procissão.

A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos tem 8 quadros cénicos. Apesar de ter uma forte personificação pagã, todos os quadros têm um paralelismo com as estações da Via Sacra. Mas estão dispostas de uma forma distinta em relação à cronologia do episódio sagrado. Alguns quadros cénicos poderão representar mais do que uma estação.

1.º Quadro cénico - Três penitentes, sendo que o penitente do meio transporta uma cruz onde pende um pano branco.

(Estação II e IV – Na primeira estação Jesus carrega a cruz e na quarta estação encontra a mãe).



Foto - Nuno Respeita 47 Shootz

Cruz de Penitência: Simboliza o triunfo de Jesus Cristo sobre a morte. O pano que envolve a cruz representa o que foi usado pelos apóstolos para descer o seu corpo sem vida da cruz. Noutras procissões é colocado em forma de M para simbolizar Maria.

2.º Quadro cénico - Três penitentes, sendo que o penitente do meio transporta um pergaminho estampado com a face de Cristo, que vai desenrolando e enrolando durante o cortejo. Os outros dois penitentes transportam uma candeia acesa.

(Estação VI – Verónica limpa a face de Jesus).



Foto – Pedro Delgado Vilaça

Véu de Verónica ou Sudário: Durante a severa caminhada de Jesus Cristo pela Via Sacra, Verónica limpa a face ensanguentada de Jesus Cristo e o rosto fica gravado no véu, transformando-se numa relíquia sagrada da tradição Católica Apostólica Romana.

3.º Quadro cénico - Três penitentes. O penitente do meio transporta uma bandeja com cravos, turquês, martelo e uma vela acesa. Cada um dos outros dois transporta uma escada ao ombro.

(Estação XI, XII e XIII – Jesus é pregado na Cruz, morre na cruz e é descido da cruz).



Foto - Nuno Respeita 47 Shootz

Os elementos levados na bandeja representam as três estações; o martelo e as escadas a crucificação; a vela a morte, o derradeiro sacrifício de Jesus Cristo por todos nós. A turquês e as escadas representa a descida de Jesus da cruz.

4.º Quadro cénico – Três penitentes. O penitente do meio transporta um estandarte em pano com cerca de dois metros de altura pintado, em ambos os lados, com a figura de Jesus Cristo jazido.

(Estação X e XIV – Na décima estação Jesus é despojado das suas vestes e na décima quarta é sepultado).



Foto de Pedro Delgado Vilaça

5.º Quadro cénico - Três penitentes (os Regras), cantam o martírio.

(Estação VII – Jesus encontra as mulheres que choram por ele).

Perante todo o sofrimento de Jesus Cristo, as mulheres de Jerusalém batiam no peito e lamentavam a tragédia. A performance dos três Regras consiste na sua ladainha de compaixão pelo sofrimento alheio e no constante pedido de piedade, e todos os restantes penitentes respondem “*de nós*”. Poderá representar a resposta de Jesus Cristo às mulheres, “*Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós e pelos vossos filhos*”.



Foto - Gonzalo Arroyo

6.º Quadro cénico - O penitente do chicote.

(Estação III, VII e IX – As quedas de Jesus).



Foto de Nuno Respeita 47 Shootz

O penitente que transporta o chicote dá sempre três chicotadas, que representam as três quedas de Jesus durante a agonizante jornada da Via Sacra.

7.º Quadro cénico - O penitente leva a relha acorrentada ao tornozelo.

(Estação I – Jesus é condenado à morte).



Foto de Nuno Respeita 47 Shootz

O penitente com uma corrente agrilhoadá ao tornozelo representa a condenação de Jesus.

8.º Quadro cénico - Um penitente (o “Senhor dos Passos”), leva uma vara. Durante todo o cortejo é responsável por “contar os passos” curvado, uma tarefa penosa e de verdadeira penitência.

(Estação V – Simão de Cirene ajuda Jesus).



Foto de Pedro Delgado Vilaça

Penitente curvado com uma postura semelhante à de Jesus Cristo quando transporta a Cruz. Podemos fazer o paralelismo deste penitente com Simão de Cirene, que foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz até ao Calvário, lugar da crucificação.

Os restantes penitentes constituem pequenos grupos, no máximo com três elementos, espaçados entre cada quadro cénico. Numa simplificada abordagem, poderíamos dizer que são meros elementos figurativos, mas não é assim. Se esta devoção religiosa persiste há mais de dois milénios, graças aos seus crentes, também aqui representados na Procissão dos Penitentes de Lavacolhos.

As cores utilizadas na procissão podem implicar associações várias: o traje branco dos penitentes é associado à inocência, à pureza e às festas do nascimento e da ressurreição na liturgia católica, mas igualmente evocativo do “Além” e de figuras do sobrenatural (como fantasmas).

Os chamados “Guardas”, figuras de autoridade que, durante a procissão, são responsáveis por auxiliar os penitentes na sua cega jornada e por incutir, na assistência, a ordem e o

respeito pelos figurantes e por um rito que recupera tempos “ancestrais”, que naquele espaço e naquele momento se torna tempo presente, trajam de hábito marron, talvez de inspiração Franciscana, onde está implícita a austeridade que pretendia imitar a vida e o ministério de Jesus Cristo.

A sonoplastia contribui, ainda mais, para a criação de um ambiente de misticismo, introspecção, respeito e penitência, já que os únicos sons são produzidos pelos participantes na procissão. A cadência metálica do arrastar da relha, as chicotadas que rasgam o ar da noite, o cantar uníssono dos “Regras”, o bater da vara do Senhor dos Passos na calçada, as varas dos guardas que se arrastam no chão ao longo do caminho. O espectador é, assim, transportado para outro tempo, e os seus sentidos assombrados por estímulos indecifráveis.

Para o impacto visual que esta “manifestação de teatralidade, exotismo e espectáculo” desperta no público, contribui ainda o facto de a procissão se realizar à noite, com a povoação imersa na escuridão (ruas e casas) e em absoluto silêncio. Os penitentes, descalços, trazem o rosto e o corpo cobertos por lençóis brancos, ostentando coroas de videira na cabeça. Cada um deles desempenha, com recurso a adereços, um papel bem definido na procissão. Assim, e conforme se verifica em outras tradições da Semana Santa que celebram a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Cristo, as ruas passam a ser, por excelência, o espaço onde o sagrado se manifesta e onde predominam atitudes de silêncio, reflexão e penitência.

Descrição resumida da Procissão dos Penitentes de Lavacolhos, ano 2022.

- 23.30 horas: Surgimento do público junto à igreja para assistir à procissão. Porém, como a procissão é espontânea e não existe qualquer organização prévia do evento, os espectadores permanecem na expectativa e na dúvida sobre se irá existir um número suficiente de participantes que garanta a sua realização.

- 23.45 horas: Dos becos e ruelas surgem cerca de 25 almas, com um saco numa das mãos, cada um contendo um lençol branco e uma coroa. Perante a movimentação, sente-se no ar uma satisfação geral por se constatar que, afinal, a aldeia ainda está apetrechada com um colectivo que luta para salvaguardar a sua tradição.

Os participantes, dentro da igreja, envolvem-se no lençol, cobrindo o corpo e a face – como se de uma mortalha se tratasse, colocando na cabeça a coroa feita de ramo seco de videira. Os penitentes estão todos descalços e prontos para iniciar o cortejo. Os quatro guardas estão vestidos com um hábito marron com capucho e transporta um varapau na mão. Têm por missão auxiliar os penitentes na cega jornada e colocar ordem na assistência.

- 24 horas: O sino da igreja bate as doze badaladas. Apagam-se todas as luzes da aldeia. Dentro da igreja, os “Regras” iniciam os Martírios do Senhor da ladainha dos passos. Cada frase é finalizada com “tende misericórdia”, à qual todos os restantes penitentes respondem “de nós”. Após a resposta colectiva, ouvem-se três chicotadas. Abre-se a porta

da igreja e sai o primeiro grupo de penitentes e, logo de seguida, a porta fecha-se. É o início da procissão. A saída da igreja e a entrada na mesma, no final da procissão, é feita de forma cadente pelos vários grupos de penitentes. O cortejo nocturno percorre lentamente a aldeia, fazendo paragens a que se chamam de “passos”. Os Regras entoam “cânticos” de uma forma fúnebre e quase imperceptível, que se aproxima das ladainhas, e são sempre finalizados com três chicotadas em qualquer objeto que possa projectar ruído (caixotes do lixo, portões metálicos, entre outros).

A Procissão dos Penitentes é uma tradição fundamentalmente masculina, assumindo um formato que é replicado há décadas. Mas, felizmente, a participação feminina nos últimos anos já é uma realidade, sobretudo devido ao fraco crescimento demográfico, e a própria comunidade possuir uma mentalidade de abrangências que dignifica a coesão social e não se revê na desigualdade de género. A participação de qualquer indivíduo da comunidade que respeite o rito, não implica qualquer perda de identidade da tradição. Verifica-se em todo o caso que a maioria dos participantes ainda é do sexo masculino. O testemunho da Sra. Hermínia Trindade Paulo Fernandes diz-nos que, em 1984 ou 1985, a sua filha mais uma amiga foram as primeiras mulheres a participarem na procissão de uma forma clandestina e que só foram descobertas pelos outros participantes no final da procissão.

Porque existem papéis pré-definidos a desempenhar por cada indivíduo, a realização da procissão depende de um número mínimo de dezoito participantes, que garanta que todas as figuras que compõem o ritual se encontrem representadas. Outros factores tidos em conta, anualmente, poderiam ser as condições meteorológicas ou um reduzido número de assistência. Mas a resiliência da comunidade todos os anos mantém viva a tradição e, mesmo quando impossibilitada de realizar nos anos de pandemia, a comunidade não perdeu a sua identidade: reuniu as ferramentas digitais e os internautas desfrutaram da Procissão dos Penitentes percorrendo ruas virtuais.

7.3. Manifestações associadas:

A Quadragésima - Tradições da Quaresma.

Este projecto, com origem no Fundão (2003), tem-se vindo a alargar a outros concelhos ao longo dos anos. Consiste num Ciclo Beirão das Tradições da Quaresma e da Semana Santa que deseja contribuir para a divulgação e salvaguarda das tradições associadas à religiosidade das gentes das Beiras, a decorrer nos 40 dias que antecedem a Páscoa – entre a Quarta-feira de Cinzas e a Solenidade de Domingo de Ramos.

Organizado, actualmente, entre os municípios de Belmonte, Covilhã, Fundão e Sabugal, este projecto em rede ambiciona promover as manifestações religiosas da cultura imaterial ligadas à Quaresma, combinando o espírito de recolhimento, oração e silêncio (próprio das festividades litúrgicas) com actos cerimoniais centenários, criações artísticas, concertos e exposições que geram experiências místicas, vividas tanto por quem cria e participa, como por quem assiste.

Note-se, como exemplo, a exposição "Ritual" (2010), que esteve patente na Galeria Tinturaria (Covilhã) e consistiu numa mostra de obras de pintura e escultura, da autoria do artista Artur Aleixo, que abordaram plasticamente a dialéctica sagrado/profano e divulgaram as manifestações materiais e imateriais beirãs da época pascal, entre as quais a Procissão dos Penitentes. A última edição da Quadragésima decorreu entre 14 de fevereiro e 31 de março de 2024, entre quatro municípios: Belmonte, Covilhã, Fundão e Sabugal. No âmbito das celebrações religiosas destacam-se, no concelho do Fundão, os Cantos de Misericórdia e Paixão, as Encomendações das Almas, os percursos de Regrar dos Passos, a Procissão dos Penitentes, a Procissão das Pinhas e o Cantar as Alvíssaras. Já no concelho da Covilhã, sobressaem as seguintes: Cantos de Misericórdia e Paixão, procissão de Via Sacra, Procissão do Senhor dos Passos, Procissão dos Penitentes e Procissão do Enterro do Senhor. No concelho do Sabugal: Encenação da vida e Paixão de Cristo, Cantar dos Martírios e Encomendação das Almas e Encontro dos Cantos Quaresmais. No concelho de Belmonte: Procissão do Enterro do Senhor.

8. Contexto de transmissão

8.1. Estado: A transmissão encontra-se activa.

8.2. Descrição:

A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é assegurada pela comunidade de Lavacolhos com algum apoio da Junta de Freguesia. Não tem qualquer organização responsável pela coordenação da procissão, sendo que a informação sobre as suas características é habitualmente transmitida aos novos participantes através dos membros mais velhos da comunidade. Parte do conhecimento encontra-se junto da comunidade de Lavacolhos que participa anualmente na procissão.

8.3. Modo(s): Oral

8.4. Agente(s): Comunidade de Lavacolhos na realização performativa do rito;
Junta de Freguesia na preparação do espaço da aldeia, ambiente nocturno e
Divulgação;
Fundão Turismo na divulgação.

8.5. Idioma: Português

9. Origem/historial:

A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é um acto performativo alusivo à penitência, acto de arrependimento dos pecadores. Para que a possamos compreender toda a sua génese é importante percorrermos na história os motivos de surgimento destas práticas.

Já no antigo testamento a prática da penitência é mencionada pelos hebreus em II Samuel 12:16, onde David confronta os seus pecados.

“E buscou David a Deus pela criança; e jejuou David, e entrou, e passou a noite prostrado sobre a terra.”

Mas é com Jesus Cristo, através de São Marcos (1.15), que a penitência ganha uma certa relevância na vida dos cristãos.

“O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho.”

É no séc. III d.C., com a necessidade de reconciliação com Deus dos «Lapsi» cristãos que renegaram a sua fé devido às perseguições romanas, que surge o sacramento da penitência.

(1)

Nos primeiros séculos da nossa era não existia uma estratificação vincada entre os clérigos (os herdeiros de Deus) e os leigos (do latim laico, ou seja, profanos).

Os leigos exerciam confissão secreta de culpa aos bispos, e estes deliberavam as penitências que se poderiam tornar num acto público realizado na assembleia, consoante a gravidade do pecado, ou consistir na privação da eucaristia, jejuns, esmola, ou proibições na vida conjugal ou social até à reconciliação com a igreja.

Existiam quatro graus de penitência pública:

- Os **enlutados** permaneciam à porta da igreja com cinza na cabeça, para que os fiéis ao entrar na igreja os vissem e pudessem orar por eles (acto que originou a Quarta-Feira de Cinzas na Quaresma);
- Os **ouvintes** podiam entrar na igreja, mas só na primeira parte da missa e depois eram obrigados a sair;
- Os **prostrados** podiam permanecer na missa, mas sempre de joelhos;
- Os **conhecedores** eram obrigados a ficar de pé até receberem a absolvição. (2)

É na Idade Média que a penitência deixa de ser pública e torna-se secreta. Os leigos, hierarquicamente inferiores na cadeia eclesiástica, e que apenas podiam beneficiar das orações dos clérigos, com o desejo de se tornarem mais participativos na vida religiosa, começam a criar os seus ritos com sentido de pertença à espiritualidade divina.

(1) Abade Jacques-Paul Migne : *Enciclopédia teológica ou série de dicionários sobre todas as partes da ciência religiosa*, volume 35: Dicionário de teologia dogmática, volume III, Paris, JP. Migne editor, 1850, pág. 1389.

(2) *Os leigos na Idade Média entre eclesiologia e história*, SER-SA, Estudos, 2005/1 - Volume 402, pág. 56.

“Bloqueados religiosamente numa situação de inferioridade estrutural, os leigos compensaram esta desvantagem com um aumento da inventividade, através de um florescimento de iniciativas que lhes permitiram redescobrir ao nível da espiritualidade vivida o que tinham perdido em poder e liberdade de expressão dentro da Igreja” (3)

No séc. XII, o conceito de penitência assume novas valências, o espírito de mortificação e redenção dos pecados, a base fundamental do cristão, e surge o assumir de uma vida desmaterializada na benfeitoria pelo próximo.

São as ordens monásticas que possibilitam aos leigos, uma vida mais activa na fé cristã, onde não está apenas implícita o professor de obrigações (pobreza, castidade e abstinência), mas também obediência à penitência e à caridade no mundo.

Entre 1170 e 1180, no norte de Itália, mais especificamente nas áreas rurais da Lombardia, Piemonte e Liguria, surgem comunidades de penitentes. São praticamente camponeses que respeitam uma vida ascética e litúrgica particular, separando-se de qualquer supervisão de uma ordem monástica ou casa religiosa não dependendo de qualquer bispo de uma diocese. Este género de comunidades expande-se. Na Lombardia, surgem os Humiliati. (4)

Os Humiliati, nasceram da revolta de nobres da Lombardia, que eram contra a vida faustosa e dominadora das altas patentes eclesiásticas. Foram aprisionados e exilados para a Alemanha pelo Imperador Henrique V. Estes nobres após o exílio, regressaram à Lombardia, assumiram uma vida humilde com vestes penitenciais de cor cinza e juraram lealdade à coroa.

O papa Inocêncio III concede no modo de vida dos Humiliati, cria uma regra para os leigos que terá sido uma das bases para a ordem terceira Franciscana, abre caminho para a proliferação das ordens mendicantes e para a fundação das chamadas irmandades de penitentes. (5)

Nos finais do séc. XII, o sul de França e norte de Itália é dominado pelo movimento Cátaro. A sua crença era alicerçada por um Deus Bom, representado pelo novo testamento e criador do reino espiritual, e um Deus Mau, representado por Satanás, em que o corpo humano era fortemente contaminado pelo pecado.

(3) André Vauchez, *Francisco de Assis: entre história e memória*, Paris, Fayard, 2009, 548 p. (ISBN 978-2-213-61886-9), p. 59.

(4) André Vauchez, *Francisco de Assis: entre história e memória*, Paris, Fayard, 2009, 548 p. (ISBN 978-2-213-61886-9), pp. 79-81.

(5) Rudge, F.M. "Humiliati." *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 7. New York: Robert Appleton Company, 1910. 15 Oct. 2014.

Esta crença dualista entra em ruptura com a Igreja Católica Romana cujo seu principal fundamento é o monoteísmo, a existência de um só Deus.

Entre 1209 e 1229, são lançadas pela Santa Igreja, com o aval do papa Inocêncio III, campanhas militares, como a cruzada Albigense, para exterminar os hereges Cátaros, ou desencorajar o aparecimento de qualquer movimento herético, incluindo os restantes cátaros que ainda viviam na clandestinidade. Para ajudar o extermínio dos hereges, em 1234 o Papa Gregório IX, com a Bula Licet ad Capiendos, cria a Santa Inquisição, onde frades dominicanos fazem parte da assistência ou mesmo da direção do tribunal do Santo Ofício.

Alguns Cátaros renegam o seu passado e são reintegrados na Ordem Dominicana fundada no ano 1216, em Toulouse, pelo sacerdote castelhano Domingos de Gusmão. Os dominicanos, frades de um forte carisma, pregoam a verdade, itinerância, compaixão e a penitência, professam o voto de obediência onde estão incluídas a pobreza e a castidade. A sua indumentária é um hábito de quatro peças, túnica branca com capuz, escapulário, uma capa de cor negra com capuz e um cinto em couro com um rosário pendurado.

Os dominicanos chegam a Portugal em 1217 pela mão de Frei Soeiro Gomes, criam a primeira comunidade em Montejunto, e no ano de 1238 os dominicanos mudam-se para Santarém, para o Convento de São Domingos de Santarém. Têm uma influência tenaz, não só nas comunidades, pois os frades dominicanos até conseguiram motivar o rei Luís VIII a usar uma humilde vestimenta de lona cinza, para participar numa procissão na cidade em expiação à simpatia pelos ideais cátaros.

Em 1221, ainda no pontificado do papa Honório III, é aprovada a Bula Memorial Propositi que orienta todos os penitentes até 1284. Através do regulamento desta bula, Francisco de Assis elabora a segunda regra criando a Ordem Terceira, ou “Ordem dos Penitentes”, ou “Ordem dos Irmãos da Penitência”, permitindo a qualquer leigo que não se pronunciou aos votos religiosos no sentido canónico do termo, poder viver de acordo com a regra de vida dos franciscanos, na pregação da palavra divina.

Os penitentes, elementos das irmandades, usavam vestes humildes com forte simbolismo presente na vida monástica, remetendo para a humildade, a obediência e renúncia ao mundo material, quase sempre túnicas com a cor representativa da irmandade e o capucho que permitia o anonimato nas celebrações religiosas de penitência, tal como na participação das procissões.

Em geral, a primeira irmandade que surgia numa cidade usava a cor branca nas suas vestes, simbolizando a pureza. Caso a segunda irmandade fosse criada, a cor usada geralmente era negra para se distinguir da anterior. Sem qualquer ordem eram utilizadas outras cores, como vermelho, azul, ou mesmo cores repetidas para as irmandades seguintes.

Devido à diversidade de cores das irmandades, os seus membros são muitas vezes mencionados como penitentes brancos, penitentes negros, cinzentos...

Os penitentes, com os seus trajes tão particulares e de uma só cor predominante, realizam uma performance religiosa verdadeiramente sentida e de uma simbologia poderosa que, mesmo que sofra algumas mutações ou haja o desaparecimento da sua irmandade, permanece viva no nosso tempo através de comunidade civil. As irmandades têm um nome oficial, quase sempre relacionado com os santos: “Espírito Santo”, “Santo Sepulcro”, “Santo Sudário”, “Virgem da Misericórdia” ...

A sua razão existencial quase sempre está ligada a uma acção social, cuidar das almas, dos doentes, casa de penhores, orfanatos, acolhimento de peregrinos ...

Em 1289 é aprovada pelo Papa Nicolau IV, através da Bula Supra Montem, a Regra de Nicolau IV, onde o papa reconhecia São Francisco como o fundador da ordem da Penitência e hierarquizara as ordens e seus membros, com o domínio da ordem primeira e os membros das subsequentes ordens eram considerados irmãos menores.

No séc. XIII, na Toscana em Sansepolcro, o beato Ranieri Dal Borgo, que falecido em 1304, pertencente à ordem Franciscana, inspirado na vida de São Francisco de Assis e Boaventura, promove a prática da flagelação.

Com os ideais de Ranieri nasce o movimento dos Flagelantes, que tinham práticas de rito penitencial em público com uma disciplina exemplar de sacrifício nas suas procissões expiatórias. A difusão deste movimento em Itália e Catalunha, com uma poética religiosa de linguagem inédita e vulgar, indumentárias simples, influenciou muitas irmandades de penitentes na execução dos seus ritos de mortificação do corpo.



Pintura de Gerard Ter Borch, 1638 – Procissão dos flagelantes



Foto de Nuno Respeita 1977 Shootz Lavacolhos

O Papa Honório III, vê nestes movimentos baseados na flagelação e mortificações, como um conceito de penitência negra. Em 1216 através da Bula Papal “Religiosam Vitam”, formaliza um conceito de penitência branca, que consistia no reconhecimento universal da Ordem Dominicana, cujo objeto é a caridade mútua, o amor ao próximo, recusa à violência e entrega aos sacramentos, do qual faz parte a penitência.

Em 1517 Martinho Lutero dá início à reforma protestante, onde rejeitam a doutrina Católica Romana da supremacia Papal e dos sacramentos. Papa Paulo III para segurar a unidade da fé e da disciplina eclesiástica lança uma contrarreforma denominada por Concílio de Trento, conhecido como o concílio mais longo da história da igreja católica (1545 – 1563), com ele, imitiu-se numerosos decretos disciplinares.

Um deles é a promulgação de um decreto a respeito da existência do purgatório e a necessidade da salvação das almas.

“Se alguém disser que, depois de recebida a graça da justificação, a qualquer pecador penitente de tal modo é perdoada a culpa que lhe não fica reato algum

de pena temporal que haja pagar, ou neste século, ou no futuro no Purgatório, antes que possa entrar no reino do Céu” (6)

Outro é dedicado à penitência, onde se introduziu uma nova forma de espiritualidade voltada para a demonstração através da manifestação pública da fé.

As irmandades dos penitentes têm aqui um papel primordial, com as suas vestes humildes e o anonimato na realização das suas procissões, ferramenta essencial para captar o interesse e atenção dos leigos a Deus e principalmente à Igreja Católica Romana.

O acto de penitência como purga dos pecados era muitas vezes uma sentença de castigo ao corpo do penitente e a flagelação era uma prática usual.

“Cap.26. Como fe há de auer el confessor ... Lo terceiro, le há de hazer defnudar los hobros, y diziedo el pfalmo de Miferere mei Deus o orto penitencial, açotarlo com vna vara, cuerda o disciplina, y depues de Gloria patri...” (7)

O Concílio de Trento teve uma influência exemplar em Portugal, tanto pelo apoio e participação dos reis, como na implementação dos decretos na vida eclesiástica e social do país.

Até ao séc. XVII as irmandades proliferam, permitem a salvação do leigo penitente, com manifestações públicas de fé, através de orações e procissões. Criam-se irmandades com este único propósito, muitas vezes deixam de ter só na sua génese a penitência e passam também a ter um vínculo à adoração.

Os leigos, ao ter a permissão da igreja para a constituição de irmandades e realização de certas práticas religiosas, ao viverem na proximidade dos conventos, vão buscar as práticas performativas de penitência aos frades que eram exímios neste campo do divino sacrifício.

Frade António da Piedade descreve a rígida vida dos frades e suas penitências dentro e fora dos conventos, quer no reino de Portugal quer em Espanha.

“Ao Refeitorio hiaó defpidos da cintura para cima, caftigando o corpo com asperas difciplinas, huns cingidos com fylvas ; e outros levando-as ao pefçoço, e pondo-as ao depois em terra, com os joelhos; nús fobre ellas di-ziaõ as fuas culpas. Deftas mortificaçoens ufavaõ, em alguns dias mais particulares, que nos outros nunca deixavaõ de levar, ou pedras muito pezadas ao pefçoço, paos na boca, e outras femelhantes penitencias.”;

“Poucos annos fentiraõ a fogueiçao, porque prevaiecendo a diligencia dos Capuchos, fe inftituhio huma Cuftodia com o titulo da Eftremadura , no anno de 1514 e no de 1519 logrou a dignidade de Provincia com o titulo de S. Gabriel; e para ella do Convento de Villa Viçofa fe paffou o noffo Veneravel Fr. Joaõ de Aguila, havendo fido nas impugnaçoens hum dos principaes contendentes. Triunfante das oppofiçoens, com que os perseguidores da fua reformada, e penitente vida o perturbavaó, e a feus Companheiros, morava no Convento de noffa Senhora de Monte Coeli; e nelle, além das mortificaçoens commuas fe exercitava em particulares afperezas, e occultas penitencias...” (7)

(6) - O Sacramento, e Ecuménico Concilio de Trento em Latim, e Português: dedicada e consagrada aos Exel., e Rer. Senhores Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reycend, t.I, 2ª ed. Lisboa na Oficina Patriarc. De Francisco Luís Ameno, 1786, p. 153.

Frei António da Piedade relata as penitências do Frade João Aguila que vivia no Convento de nossa Senhora Monte Coeli que fica em San Martin de Trevejo, na Serra de Gata em Espanha, a cerca de 80 km de Lavacolhos. Foi neste mesmo convento que o Sacerdote Jesuíta Joaquim Guerra natural de Lavacolhos e grande sinólogo do séc. XX, iniciou em 1914 os seus estudos religiosos.

“Para mayor obfervancia da fanta pobreza mandavaõ, que todos os Religiofos andaffem defcalços de todo, fem admittir nenhum genero de calçado, e que os Habitoss foffem do mais groffeiro, e vil pano, que se achaffe ...”

“Euangelica pobreza, taõ recomendada do Serafico Padre S. Francisco, pois que os feus Religiofos veftidos fõ de hum faco de burel, andaõ perpetuamente defcalços; o leito naõ he outro mais, que huma taboa, ou cortiça; e huma pedra, ou pao lhe fervem de traveffeiro.” (7)



Foto de Gonzalo Arroyo – Lavacolhos



Pintura de José Jimenez Aranda 1874 Penitentes na Basílica Inferior de Assis

O acto de penitência através de flagelação e mortificação do corpo era uma das principais vias para a beatificação dos cristãos.

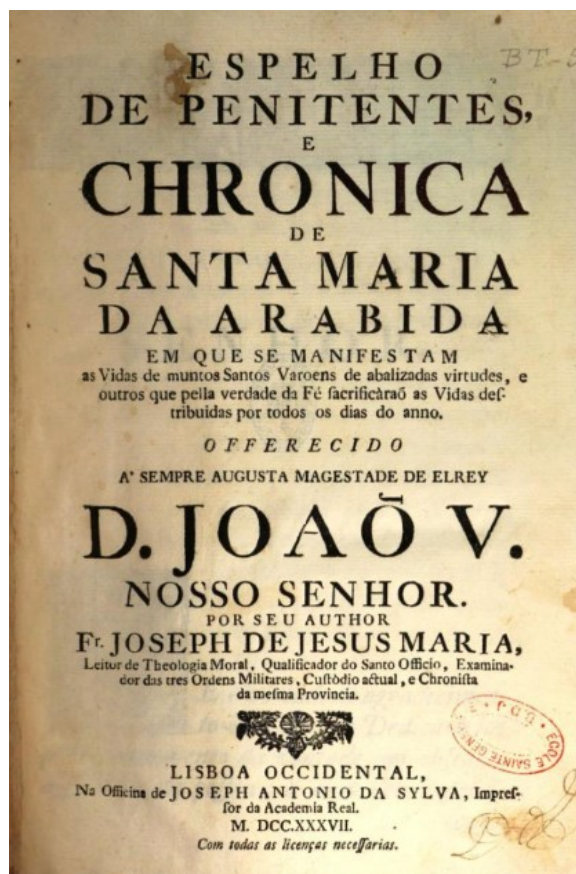
“Alêm da disciplina, que todos os dias fazia na Communidade, tomava outra taõ aspera, e rigorofa, que o fangue, com que as paredes; ou do Claustro, ou da Igreja appareciaõ rubricadas, era a mais fiel teftemunha da crueldade, com que macerava o corpo.”, “...fempre ufou de hum aspero cilicio, e em algumas occafoens accrefcentava humas fylvas, com que cingia todo o corpo.” (7)

“Serviaõ as rigorofas penitencias, que fazia, affim publicas, como occultas, de fiel para declarar, que a profunda humildade, com que se confeffava pelo mais indigno de todos...” (7)

(7) - Manual de confesores y penitentes, Martin Azpilcueta publicado em 1557.

Os frades, fora do convento, pregavam a palavra divina para as comunidades locais, e incentivavam a penitencia como um acto curativo dos pecados.

“Com este caritativo zelo, quando não vinhaõ os penitentes ao Convento, os procurava elle nas fuas Freguezias, offerecendo-lhe prompta a fuas almas a fuave medicina da penitencia.” (8)



Em 1592, Summo Pontifice Gregório XIII dá a liberdade aos frades de usarem os seus humildes hábitos remendados, mas com restrição nas cores dos remendos em que era possível usar o branco, preto ou pardo, e as cordas teriam de ser mais polidas.

É fundado na cidade de Lisboa o movimento terciário franciscano e, em 1615, a Ordem Terceira de São Francisco, onde o restaurador rei D. João IV é um dos seus mais ilustres membros. A Fraternidade da Ordem Terceira, com o desejo de difundir a religiosidade popular, fez com que os seus irmãos terciários franciscanos expandissem as práticas da irmandade criando novas irmandades por todo o território nacional. Muitas destas novas irmandades de penitentes ganharam influência social, mas nunca a independência face aos estatutos regulamentares da Ordem Terceira de São Francisco dos quais faziam depender todos os protocolos dos cortejos penitenciais. (9)

(8) - Frade Joseph de Jesus Maria, “Espelho de Penitentes e Chronica de Santa Maria da Arrábida”, 1737.

(9) - Cf. Ribeiro, Bartolomeu, Os Terceiros Franciscanos Portugueses: Sete Séculos da sua História, Braga, Tipografia Missões Franciscanas, 1953, pp. 106-113.

Em Portugal, no início do séc. XVII, em plena dinastia Filipina ou de Habsburgo, impera o estilo Barroco alicerçado numa exuberância extraterrena. A nova linguagem estética acaba por ser um movimento sociocultural onde predomina um novo olhar para o mundo, o Homem e Deus. A Igreja Católica Romana torna-se no maior mecenas no contexto sociopolítico das monarquias absolutistas. Controla e impõe restrições à excentricidade, prevalecendo a continuidade da tradição católica e o seu decoro, aproveita toda a dramatização cénica dominante para ornamentar e enaltecer a fé cristã, as imagens são produzidas com dinâmicas ilusionistas de grande impacto teatral, estimulando no observador um efeito de piedade e devoção. Uma propaganda sacra que era facilmente compreendida pelos leigos.



Pinturas de Diego Velazquez - Felipe IV, 1645; e Cristo contemplado pela alma cristã, 1626

Em Portugal, a régia presença espanhola, com a colaboração da Companhia de Jesus, de Santo Inácio de Loyola, que desprezava os bens terrenos em busca dos sobrenaturais, tem uma influência avassaladora na expressividade performativa das celebrações religiosas, como as procissões, e é nas grandes cidades que ganha uma ostentação nunca antes vista.

As irmandades têm um papel fundamental tanto na participação como na criação deste tipo de eventos religiosos, quer ainda na ornamentação das igrejas donde saíam as procissões, no arranjo dos andores, no figurino cénico que a festividade religiosa impõe. Nos dias de hoje ainda é visível esta predominância estética nas procissões Malaguenhas em grande parte da Andaluzia. Aqui, as procissões da Semana Santa ainda têm uma grande ostentação, semelhante à época seiscentista e setecentista barroca. Hoje a severa penitência não está apenas na simbólica Paixão, mas também na adoração dos Costaleros, homens que carregam nos ombros pesadas estruturas com imagens sagradas, chamadas de Pasos, que chegam a pesar mais de três toneladas.



Pintura de Manuel Cabral Bejarano - Procissão Sexta-Feira Santa em Sevilha, 1862



Semana Santa de Málaga nos dias de hoje

Estas procissões apoteóticas têm permanecido durante os tempos nos grandes centros urbanos em contraponto com a simplificada estética religiosa do meio rural.

Hoje, sem desvalorizar o acto de fé dos seus participantes, estas procissões também são um benéfico factor para alavancar a economia local através do turismo religioso.

A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos é o oposto, pois é feita sem “ostentação” figurativa, no período nocturno sem qualquer iluminação pública; é uma verdadeira penitência para os participantes que caminham descalços sem qualquer agasalho, sempre numa noite fria de final de Inverno ou princípio da Primavera. A Procissão, desde a sua génese, não é feita para plateias, mas sim para quem nela participa.

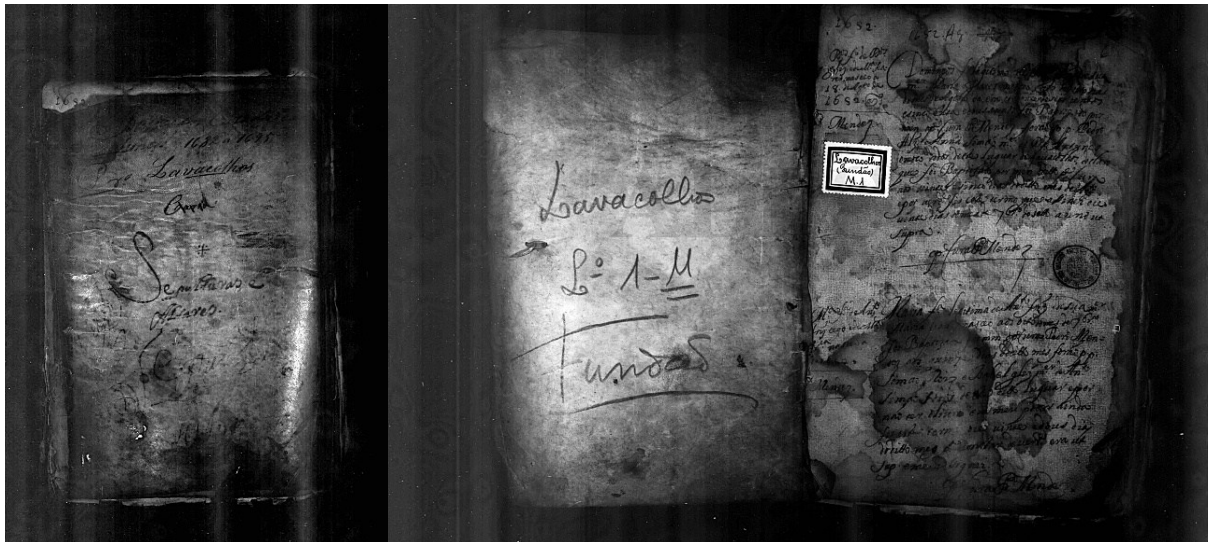


Foto de Pedro Delgado Vilaça

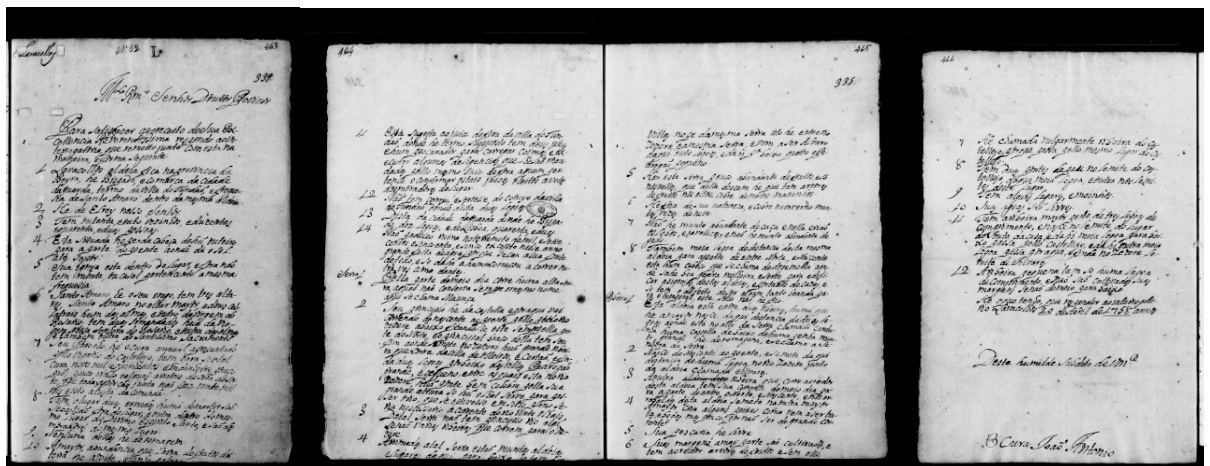
A Procissão dos Penitentes de Lavacolhos terá parado no tempo ou deriva de uma distinta expressividade de fé?

Apesar do território de Lavacolhos ter vestígios de um castro da idade do bronze e da presença Romana nas imediações, o primeiro registo escrito da aldeia de Lavacolhos é de 1682 e refere-se aos nascimentos e óbitos que decorreram na aldeia, o que se pode confirmar através dos registos paroquiais portugueses para a genealogia.

<https://tombo.pt/f/fnd20#MIX>



Em 1758, a aldeia de Lavacolhos também é referenciada nas Memórias Paroquiais n.º 62 A Folhas 463 do TOMO XIX do Dicionário Geográfico, guardado na Torre do Tombo em Lisboa. Aqui já se consegue ter uma ideia de como seria a vida social, económica, cultural e religiosa, assim como o seu património edificado e natural.



“Mtº Rmo Senhor Doutor Provizor

Para satisfazer ao preceito de Sua Excelência Reverendíssima respondo ao interrogatório que remeto junto com esta na maneira e forma seguinte:

- 1. Lavacolhos, aldeia, fica na província da Beyra he bispado e comarca da cidade da Guarda, termo de Villa do Fundão e freguesia de Santo Amaro dentro da mesma aldeia.**
- 2. He de El-rey nosso Senhor.**
- 3. Tem outenta e oito vezinhos e duzentas e quarenta e duas pessoas.**

4. *Está situada no pé da cabeça de hu outeiro para a parte poente aonde dá o sol até se por.*
5. *A sua igreja, está dentro do lugar e fora não tem monte ou casal pertencente à mesma freguesia.*
6. *Santo Amaro he o seu orago, tem três altares: Santo Amaro no altar mayor, e dous colaterais hum das almas e outro da Virgem do Rosário. Tem duas irmandades hua da Virgem Nossa Senhora do Rosário e outra das almas e outra do Santíssimo Sacramento.*
7. *Seu parochio he o cura annual apresentado pello vigário do Castellejo, tem para si o tal cura nove mil e quinhentos em dinheiro, pouco pão, pouco vinho e alguns arráteis de cera, de sorte que toda a porção junta não faz vinte mil reis e isto à custa da comarca.*
8. *Tem lugares duas ermidas hua do Martir São Sebastião fora do lugar e outra dentro do mesmo lugar do Divino Espirito Santo e são dos moradores do mesmo lugar.*
9. *Nenhuma delas he de romagem.*
10. *A mayor abundância que lavra frutos da terra he azeite e vinho galego.*
11. *Está sujeita ao juiz fora da Villa do Fundão donde he termo suposto tem dous juizes e hum procurador para carregar crimes e executando algumas deligências que são mandadas pelo mesmo juiz de fora a quem pertence confirmar os tais juizes eleitos a votos dos moradores do lugar.*
12. *Não tem correyo e serve-se do correyo da Villa do Fundão donde dista duas léguas.*
13. *Dista da cidade da Guarda donde he bispado dez léguas e de Lisboa quarenta e duas.*
14. *Não padeceo runa no terramoto de mil setecentos e cinquenta e cinco excepto nesse ano grande falta de agoa porque secou a sua fonte de todo e so dahi a hum ano começou a correr outa vez como dantes...*

He o que tenho que responder ao interrogatório.

Lavacolhos, 20 de Abril de 1758 anos.

Deste humilde súbdito d Vmcê.

O cura João António”

Podemos concluir pelas memórias paroquiais que a comunidade de Lavacolhos, detentora de duas ermidas, sempre foi devota na sua crença religiosa. A existência da Irmandade das Almas, hoje inactiva, demonstra-nos uma devoção às Almas (Almas do Purgatório). Tinha como principal objectivo a realização de responsos com orações eficazes para salvar do inferno o pecador na hora da morte, ou resgatar as almas do purgatório. Apesar de não existir qualquer correlação escrita entre a Irmandade das Almas e a Procissão dos Penitentes, não é despropositado associarmos a sua religiosidade.



Fotos de Paulo Barbosa - Património móvel da Irmandade das Almas

Foram os jesuítas que, a partir de 1540, incentivaram a constituição de confrarias das almas, e por mera coincidência ou não, os guardas da Procissão dos Penitentes de Lavacolhos trajam hábitos semelhantes aos dos monges jesuítas. O apogeu das Irmandades das Almas no território nacional data dos séculos XVI e XVII. Sobre a Irmandade das Almas de Lavacolhos não se sabe a data da sua criação. Mas pelo registo nas memórias paroquiais, e a correlação quase certa da Irmandade com a Procissão dos Penitentes, a procissão já deveria existir em 1758, e a sua prática performativa seria ainda mais carregada de simbólica religiosidade e severa penitência. Faz-nos acreditar que seria um ritual performativo da época ligado às práticas de penitência monásticas.

Se a procissão é despida de ostentação, não acompanhando a evolução das celebrações religiosas do movimento Barroco que proliferaram por toda a Europa do Sul, onde terá ido buscar esta prática performativa tão *sui generis*?

Talvez a chave para descortinar a génese da Procissão dos Penitentes de Lavacolhos esteja na 8.º e último quadro cénico da Procissão, em que o penitente que faz o fecho do cortejo é a imagem mais emblemática e penosa de toda a procissão, uma verdadeira e severa penitência. O Senhor dos Passos, curvado, e com uma vara na mão, bate de forma sequencial as duas extremidades da vara no chão como se fosse a contar os passos.

Nosso Senhor dos Passos é uma invocação da dor de Jesus Cristo, desde a sua condenação à morte até ao seu sepultamento, com uma linguagem plástica que remonta à Idade Média.

Em Portugal, a procissão mais antiga do Senhor dos Passos é a da Irmandade da Santa Cruz e Passos da Graça, em Lisboa que remonta ao ano de 1587. Realiza-se no domingo da Quaresma através de um cortejo público, e o seu primeiro trajecto era da igreja de São Roque até ao Convento da Graça. A segunda mais antiga é de 1597, realizada pela Irmandade de Santa Cruz de Braga. Devido à sua geografia social urbana e à proximidade à elite da hierarquia eclesiástica, ambas as procissões devem de ter alterado a sua expressividade plástica com a estética Barroca dominante no século XVII.

Mas a mais imponente e solene manifestação da Semana Santa de Braga é a procissão do Enterro do Senhor, uma procissão nocturna com origem no século XVII, nas celebrações da Irmandade Santa Cruz, e com a participação dos Cavaleiros das Ordens Soberanas de Malta. Nesta procissão, como na Quinta-Feira Santa na procissão do Senhor Ecce Homo, sobressai um elemento figurativo emblemático, o Farricoco, descalço, vestido com balandrau e uma corda à cintura. Durante o dia, com as suas ruidosas matracas, promove-se uma sonoridade alusiva à confissão e penitência, chamando publicamente os pecadores às Endoenças da Quinta-Feira Santa. À noite acendem os fogaréus para iluminarem a procissão. Já na Sexta-Feira Santa os farricocos conduzem também o cortejo, mas arrastando pelo chão as suas matracas e os fogaréus apagados. Os farricocos, trajados no anonimato dos seus balandraus escuros, com as suas tarefas tão peculiares na condução do cortejo, têm grandes semelhanças com os guardas da Procissão dos Penitentes de Lavacolhos. No passado em Lavacolhos, durante o tempo da Quaresma não era permitido tocar os sinos; para chamarem os fiéis para as celebrações religiosas usavam a matraca.



Foto de Paulo Barbosa - Matraca de Lavacolhos

Em Portugal as procissões com maior ênfase na representação da Paixão de Cristo estão sem qualquer dúvida ligadas às Irmandades de Santa Cruz. Se procurarmos as origens e celebrações religiosas das congêneres irmandades europeias de Santa Cruz, constatamos que se localizam praticamente todas no sul da Europa. Na vizinha Espanha, as Irmandades ou Confrarias de Santa Cruz, como Huelva, Sevilha, Málaga, Saragoça, estranhamente, foram todas fundadas na segunda metade e finais do séc. XX. Em França, os surgimentos das irmandades de Santa Cruz são bastante anteriores às espanholas, como a Archiconfrérie de la Sainte-Croix de Nice, também conhecida como La Confrérie des Pénitents Blancs de Nice, fundada no séc. XIV. Apesar de grande parte das Irmandades de França terem sido abolidas pela Revolução Francesa, parece que a ilha de Córsega terá escapado ao crivo napoleónico. Na Córsega, ainda se consegue registar a irmandade de Sainte-Croix de Bastia com autorização papal em 1542; Bonifácio surge no séc. XIII, e outras, em que não se consegue dar uma data fidedigna, como a Confrérie Saint Croix Roglian, Confrérie Saint Croix Calenzana, Cronférie Saint Croix de Santa Lucia di Mercúrio.

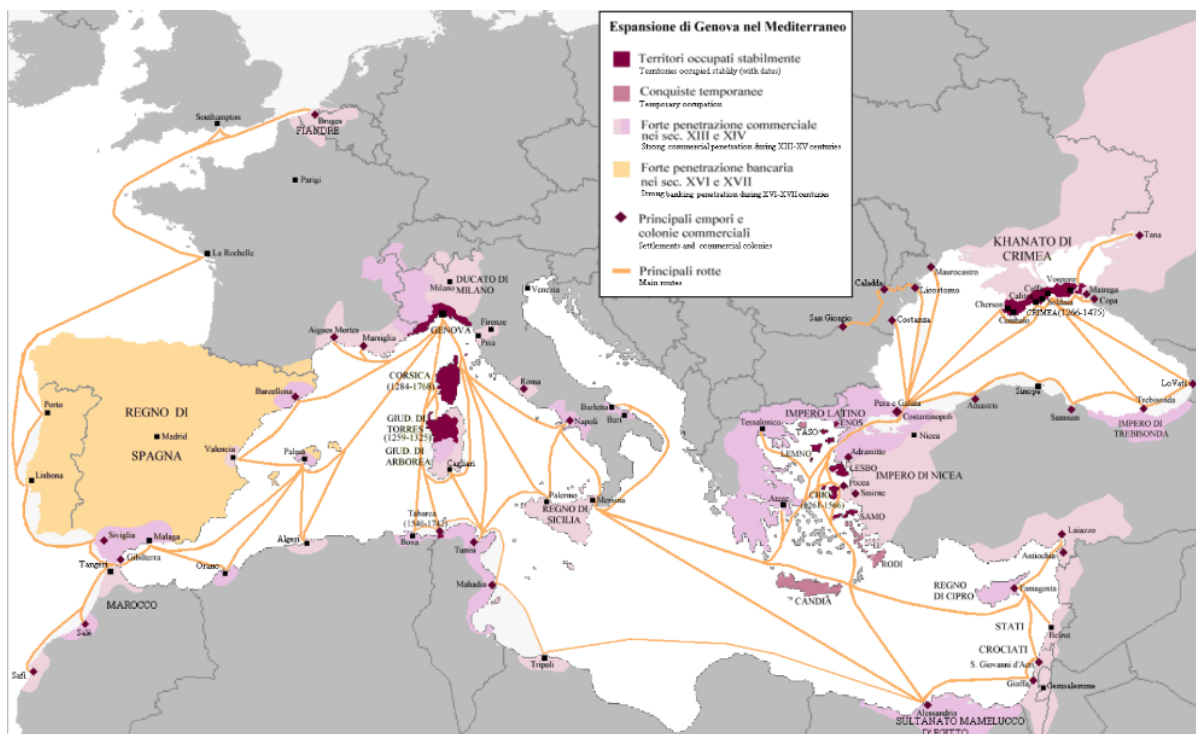
Já em Itália, temos o Oratorio della Santa Croce, na aldeia de San Cipriano de Génova, séc. XV. Turim tem a Confraternita della Santa Croce (Etta Dei Batututi Bianchi) fundada em 1483. Na cidade de Ivrea temos a Confraternita di Santa Croce que existe desde 1619 e em Nicosia a Confraternita SS, Sacramento di Santa Croce fundada em 1605. Em Trapani a Confraternita della Carità della Santa Croce, fundada em 1555, a Confraternita della Santa Croce do Borgo San Dalmazzo no séc. XV. Confraternita della Santa Croce de Cuneo séc. XIV.

A Sardenha também está repleta de oratórios de Santa Cruz e de algumas irmandades que ainda existem nos nossos tempos. O Oratorio di Santa Croce di Nuoro, Borutta, Orosei, Banari, Siligo, Monteleone. Aqui, devido ao número significativo de irmandades de Santa Cruz e seus oratórios, num espaço geográfico tão limitado, podemos dizer que devemos estar muito próximo do seu berço.

Se dispusermos todas estas Irmandades aqui mencionadas sobre um mapa, podemos constatar que se encontram em Ligúria, Piemonte, Lombardia, Sicília, Provence-Alpes-Côte d'Azur, Córsega e Sardenha, territórios banhados pelo mar da Ligúria e o mar Tirreno. Se recuarmos no tempo até ao século XIV, o domínio avassalador desta área geográfica pertence à República de Génova.



Localização de oratórios e irmandades de Santa Cruz



Domínio Genovês no Mediterrâneo

A República de Génova, fundada no século XI, começou a sua expansão durante as cruzadas, tendo conquistado muitas colónias no Médio Oriente, conseguindo até controlar a Crimeia. No Mediterrâneo, nos finais do século XIII, ao derrotar a República de Pisa, anexa a Córsega e pouco mais tarde o norte da Sardenha. Numa aliança com os Aragoneses, consegue controlar a Sicília e todo o seu mercado comercial. Em 1557, Felipe II rei de Espanha e de Portugal, com o seu reino em estado de falência, perante a casa de Habsburgo, recorre à República de Génova como o seu principal financiador bancário para a realização dos seus empreendimentos. Esta expansão geopolítica e comercial não pode ser desligada da igreja, que foi sempre um elemento crucial e dominante na criação e transformação dos reinos europeus, quer na Idade Média quer na Idade Moderna.

A devota Casacce Disciplinante, designação das enraizadas irmandades da Ligúria, com forte implantação em Génova e áreas geográficas de influência da República de Génova, construiu oratórios próprios de pequenas dimensões, destinados à oração e ao culto privado de famílias ou comunidades de leigos. Oratórios devotos a santos que eram também na forma de Paixão de Cristo, pois muitos dos seus penitentes nas procissões religiosas, flagelavam-se, carregavam a cruz de cristo. (10)

As irmandades de Santa Cruz, por estarem bem enraizadas no contexto geográfico da República de Génova, acabaram por se expandir no seu território, como em territórios que convergiam com a diplomacia desta República, sendo Portugal um deles pela parceria comercial e pela mesma devoção religiosa. As rotas mercantis e religiosas ameaçadas pelo Império Otomano obrigaram a uma circulação marítima mais intensa dos portugueses no Mediterrâneo, o que talvez tenha facilitado na importação de rituais de culto religioso para Portugal.

Um dos exemplos é Frei Luís de Sousa (Manuel de Sousa Coutinho), que teve lugar na nossa história como um virtuoso talento na vida militar, assim como na escrita. Em 1575, com 20 anos, deixa os estudos de Direito na Universidade de Coimbra e entra na Ordem de Malta. Ao viajar para a ilha de Malta, devido a um temporal a embarcação é obrigada a atracar na Sardenha. De regresso ao mar, para continuar a sua viagem e professar na ordem religiosa de Malta, é aprisionado por corsários mouros e encarcerado na Argélia. Aí partilhou cativo e criou amizade com o escritor Miguel de Cervantes.

Com uma vida atribulada de desencantos e desgostos com a morte de sua filha única, entra para o Convento de São Domingos de Benfica e em 1614 professa o sacerdócio; entrega-se ao sacramento e muda o seu nome para Luís. Levou à risca as práticas conventuais do sacrifício, sendo um grande adepto das rigorosas penitências. Renuncia a qualquer cargo na hierarquia e nem faz os estudos da ordem, pois não pretendia ser pregador, apenas desejava dedicar-se à escrita.

Escreve a *Vida do Beato Henrique Suso* onde relata a forte devoção deste beato à Paixão de Cristo.

(10) - Italian Confraternities in the Sixteenth Century – Christopher F. Black - Department of Modern History University of Glasgow. (pag. 23)

V I D A
D O B E A T O
H E N R I Q U E
S U S O

Da Ordem dos Prégadores,
Traduzida de Latim em Portuguez:

CONSIDERAÇOENS
D A S L A G R I M A S
D E
N. SENHORA,

E OUTRAS OBRAS EM PROSA,
e em verso, que andavaõ dispersas.

C O M P O S T A S

Por Fr. LUIZ DE SOUSA
Religioso da dita Ordem.

*A que se ajuntou a Vida do mesmo Autor, e o
Juizo sobre os seus Escritos.*

L I S B O A,
Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. LXIV.

*Com as licenças necessarias, e Pri-
legio Real.*

“Da hi em diante todas as noites depois de matinas recolhendo se no Capitulo, custumava exercitar se em huma representação ao vivo da Paixão de Christo íazendo conta, que o acompanhava, & padecia juntamente, affi nos paffos que andou, como em tudo o mais que por nós padeceo. Paffeava de canto a canto pêra deitar de fi o fono, & a preguiça, & estar méis prompto, & mais esperto na meditação, fentimento da fagrada Paixão.” (11)

(11) - Capitulo XV pag 53 - Damaneira que o B. Frei Henrique acompanhava a Christo em todos os paffos de fu a fagrada Paixão, pag.316. (1764)

Frei Luís de Sousa também escreveu *Consideraçoes das Lagrimas, que a Virgem N. Senhora derramou na sagrada Paixão, repartidas em dez paffos para a devação dos dez Sabbados.*

Em “Sábado III – Como a Virgem encontrou o Senhor na Rua da Amargura”,
“Virão voílos olhos aquelle Rofto, que alegra os Anjos do Ceo, pizado de bofetadas, & banhado do fangue, que defce da Cabeça, atraveffada de espinhos: liado todo de cordas, para que fofie arraftos, que com o pezo da Cruz, & martírio dos açoutes eftava tão quebrado, e falto de forças, que não podia levar os pès.”.

Apesar de ser um devoto das práticas penitenciais e da Paixão de Cristo, não podemos dizer que foi Frei Luís de Sousa quem trouxe estes rituais e práticas de penitência para Portugal. Eles já existiam antes do seu nascimento, mas a coincidência de ter estado na sua juventude na Sardenha, e que possivelmente tenha presenciado as práticas religiosas da Irmandade de Penitentes de Santa Cruz, não poderá ter influenciado este culto no reino de Portugal? Meras coincidências poderão fazer-nos pensar que talvez fosse possível. Em 1580, Manuel Sousa Coutinho, mais conhecido por Frei Luís de Sousa, é nomeado Alcaide-Mor do Castelo de Marialva e Capitão-Mor de Marialva, designação de oficial militar responsável pelo comando das tropas de ordenança de uma comarca da província da Beira, diocese da Guarda da qual, ainda hoje, faz parte Lavacolhos.

Mas voltemos à irmandade de Santa Cruz da Graça para conhecermos melhor o seu fundador. Luís Álvares de Andrade, nascido em Lisboa por volta de 1550, órfão de tenra idade, foi entregue por sua mãe aos cuidados do religioso Frei Francisco Bovavilha, o confessor da rainha Dona Catarina, mulher do Rei Dom João III. Luís Álvares de Andrade também é conhecido como o Pintor Santo devido às suas faculdades artísticas na pintura. O fundanense José da Cunha Taborda, pintor da corte no século XVIII, descreveu o pintor no seu livro *“Regras da Arte da Pintura”* de 1815;

“Foi Luiz Alvares de Andrade natural da Cidade de Lisboa, e um dos varões tão acreditados entre muitos que em seu tempo florecerão em virtudes e santidade, que era conhecido por todos pelo nome de Pintor Santo”; “O insigne Frei Luiz de Granada, lustre da mesma Ordem Dominicana contribuiu também muito para desde menino lhe formar o coração; tanto aproveitou, que sem haver nelle cousa de repreender foi toda a vida extremo de assombro e edificação na humildade, na paciência, no desprezo por si sobre tudo no cordial affecto de devoção ao Sagrado Sacramento”;


“A singular piedade deste grande servo de Deos inspirou-lhe o desejo de por em prática nesta Cidade, o que o Marquez de Tarifa tinha começado em Sevilha, celebrando os Passos de Jesus Christo em sua Paixão sagrada...”; “Com o beneplácito do Arcebispo D. Miguel de Castro o poz em execução, sendo no anno de 1587 o principal instituidor da Procissão que ainda hoje se faz na segunda sexta-feira santa da Quaresma com a mesma imagem, que elle fez colocar no Convento da Graça, e a seu exemplo se extendeo depois por todo o Reino.”.

REGRAS
DA
ARTE DA PINTURA,
Com breves Reflexões Criticas sobre os caracteres distinctivos de
suas Escolas, Vidas, e Quadros de seus mais celebres Professores.
Escritas na Lingua Italiana por Michael Angelo Prunetti.


DEDICADAS
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
MARQUEZ DE BORBA
FERNANDO MARIA JOSÉ DE SOUSA COUTINHO
CASTELLOBRANCO E MENEZES,
UM DOS GOVERNADORES DO REINO, &c. &c. &c.

POR
JOSÉ DA CUNHA TABORDA,
Pintor ao Serviço de S. A. R. o Principe Regente N. Senhor.

Accresce Memoria dos mais famosos Pintores Portuguezes,
e dos melhores Quadros seus que escrevia o Traductor.



LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1815.
Com licença.



PICTORICO. 191

sos á vista da sua belleza. As figuras quasi ao natural quanto bem são distribuidas! tem toda a correcção no desenho e são pintadas com a maior valentia. Havia quem dissesse: ter sido pintado por um certo Marçanello Pintor Germanico; mas esta crença foi inteiramente desvanecida, logo que se achou o desenho em um livro feito por elle, e assignado com o seu proprio nome. Consta isto da Chronic. manusc. de Frei Manoel Baptista de Castro, dedicada ao Senhor Rei D. João V., que se guarda na Livraria daquelle Mosteiro. Do Livro 43 da Chancellaria d'El-Rei Philippe II. fol. 216 no Real Archivo consta ter servido como Pintor a este Soberano, em cujo emprego veio succeder por sua morte Domingos Vieira no 1.º de Junho de 1619, e neste anno pouco mais ou menos o pudemos reputar falecido.

Foi Luiz Alvares de Andrade natural da Cidade de Lisboa, e um dos varões tão acreditados entre os muitos que em seu tempo florecerão em virtude e santidade, que era conhecido entre todos pelo nome de Pintor Santo. Seus pais se chamárão Affonso Alvares de Andrade, e Maria Franca. Aprendeu a lèr, e escrever entregue pela mãi á direcção de Fr. Francisco de Bovavilha, Religioso Dominicano de nome na Hespanha, e que occupava neste Reino o lugar do Confessor da Rainha D. Catharina mulher d'ElRei D. João III., por lhe faltar o pai. O insigne Frei Luiz de Granada, lustre da mesma Ordem Dominicana contribuiu tambem muito para desde menino lhe formar o coração; e tanto aproveitou, que sem haver nelle cousa de reprehender foi por toda a vida um extremo de assombro e edificação. na humildade, na paciencia, no desprezo de si,

Frei Luiz de Granada foi o tutor religioso do Pintor Santo fundador da procissão do Senhor dos Passos da Graça, e através da sua obra escrita podemos constatar que foi um forte influenciador na devoção penitencial deste seu discípulo.

VITA CHRISTI
Enel qual se contienen
los principales passos
y misterios de la
vida de Christo.

Compuesto por el R. P. Fray Luys de
Granada de la orden de Sancto
Domingos.

Vendese en casa de Ioannes Blauio Im-
primidor en la rua de los Escuderos.
En Lisboa. 1561.

dero, lifongeador publico, tray-
dor secreto, en los principios
dulce, en los dexos amargo,
en la cara blando, en las manos
cruel, en las dadiuas escasso, en
los dolores prodigo, al parecer
algo, de dentro vazio, por de
fuera florido, y debaxo d' la flor
espinoso.

**Preambulo dela Pas-
sion del Señor.**

Conclusiõ es de todos los
Doctores, que los dolo-
res y tormentos que el
hijo de Dios suffrio en su pas-
sion, exceden a todos quantos
dolores se há hasta oy en el mū-
do padefido. Si preguntás la cau-
sa

fer justiciado. Tomã pues aque-
llos cruels carniceros el santo
madero (que segun se escriue e-
ra de quinze pies) y carganlo so-
bre los hombros del Saluador:
el qual (segun los trabajos de a-
quel dia y de la noche passada,
y la mucha sangre que cõ los a-
çotes auia perdido) apenas po-
dia tenerse en pie, y sustentar
la carga de su proprio cuerpo:
y sobre esta le añaden tan gran
de sobrecarga como era el pe-
so de la Cruz. En este passo pue-
des considerar por vna parte la
maniedumbre ineffimable del
saluador: y por otra la crueldad
grãde de sus enemigos: por que

K ni la

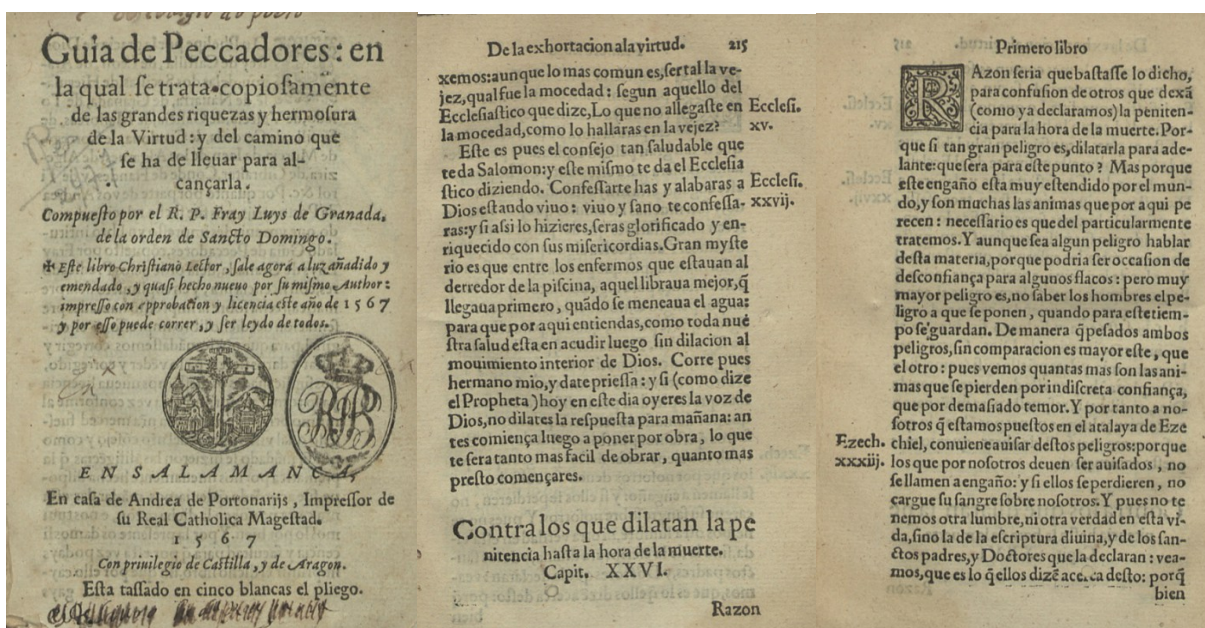
No seu livro aparece por exemplo uma cruel e realista descrição da Paixão de Cristo, onde afirma que a severa penitência é o caminho para a misericórdia de Deus:

“Tomã pues aquellos crueles carniceiros el fanto madero (que fuegun fe ecrive era de quinze pies) y carganlo fobre los hombros del Salvador: el qual (segun los trabajos de aquele dia y de la noche paffada, y la mucha fangre que co lo açotes aura perdido) apenas podia tenrefe en pie, y fustentar la carga de fu próprio cuerpo: y fobre eſta le anaden tan grande fobrecarga como el peſo de la Cruz.”... “Que mayor crueldade que defde la hora de la paſſion hafta el punto de la muerte no darle vna fola hora d repoſo...”

“y com eſto mortifica tus paſſiones, y caſtiga tu carne: y deſta manera recibiras en ti al hijo de Dios”; (12)

Já no seu livro *Guia de Peccadores*, publicado em Salamanca em 1567, mostra que a penitência deve ser feita em plena vida e não apenas na hora da morte. Para Frei Luís de Granada a prática da penitência na hora da morte não é suficiente para o salvamento das almas, que correm o risco de permanecer no limbo às portas do inferno:

“Porq mucho duele dexar el mundo, y mucho mas falir de la carne, pero mucho mas el tormento del inferno”



Podemos concluir que a forte inspiração de Frei Luís Alvares de Andrade na criação da Procissão dos Passos da Graça poderá ter sido a divina devoção de Frei Luiz de Granada, mas como conta a descrição de José da Cunha Taborda, no seu livro *Regras da Arte da Pintura*, também poderá ter sido a arte performativa da procissão de Sevilha promovida pelo Marquês de Tarifa.

(12) – “Vita Christi Enel qual fe contienen los principales paffos y miferios de la vida de Christo” uma publicação de En Lixboa : Ioannes Blauio de 1561.

O Marquês de Tarifa, mais conceituado pelos seus feitos históricos, foi Don Pedro Afan de Ribera da Casa de Alcalá, ao serviço da coroa espanhola. Foi vice-rei da Catalunha entre 1554 e 1557, perfeito de Andaluzia de 1557 a 1558 e vice-rei de Nápoles de 1559 a 1571.

A governação do Marquês de Tarifa em Sevilha foi apenas de um ano, ano de seca, fome e peste, factores de forte relevância para motivarem os crentes à prática da salvadora penitência.

“Pdeció Sevilla en el año de 1561 gran falta de agua, en que imploró la piedad divina com repetidas procesions”; “se perdiéron las mas sementeras: Acudiose á implorar el remediodivino, y se hiciéron devotas procesiones...”; “Hubo en la primavera de este año muchas procesiones ey rogativas, asi por los temporales, como por los sucesos de la Monarquía”;⁽¹³⁾

Já na *Colección de Documentos Inéditos para la História de España*, livro que retrata os vice-reis do reino de Nápoles, uma compilação de José Raneo, de 1634, podemos constatar que o II Marquês de Tarifa, Don Pedro Afan de Ribera, durante o seu reinado em Nápoles entre 1559 até à sua morte em 1571, teve uma grande influência na geografia política e religiosa.

Com o apoio do reino da Sicília e da República de Génova, combateu os hereges do Império Otomano em 1565 na reconquista da Ilha de Malta.

É um dado esta proximidade do Marquês de Tarifa à República de Génova, berço da irmandade de leigos da Ordem de Santa Cruz, que é criada mais tarde em Lisboa em 1586, mas por que motivo é praticamente inexistente a presença desta irmandade em Sevilha?

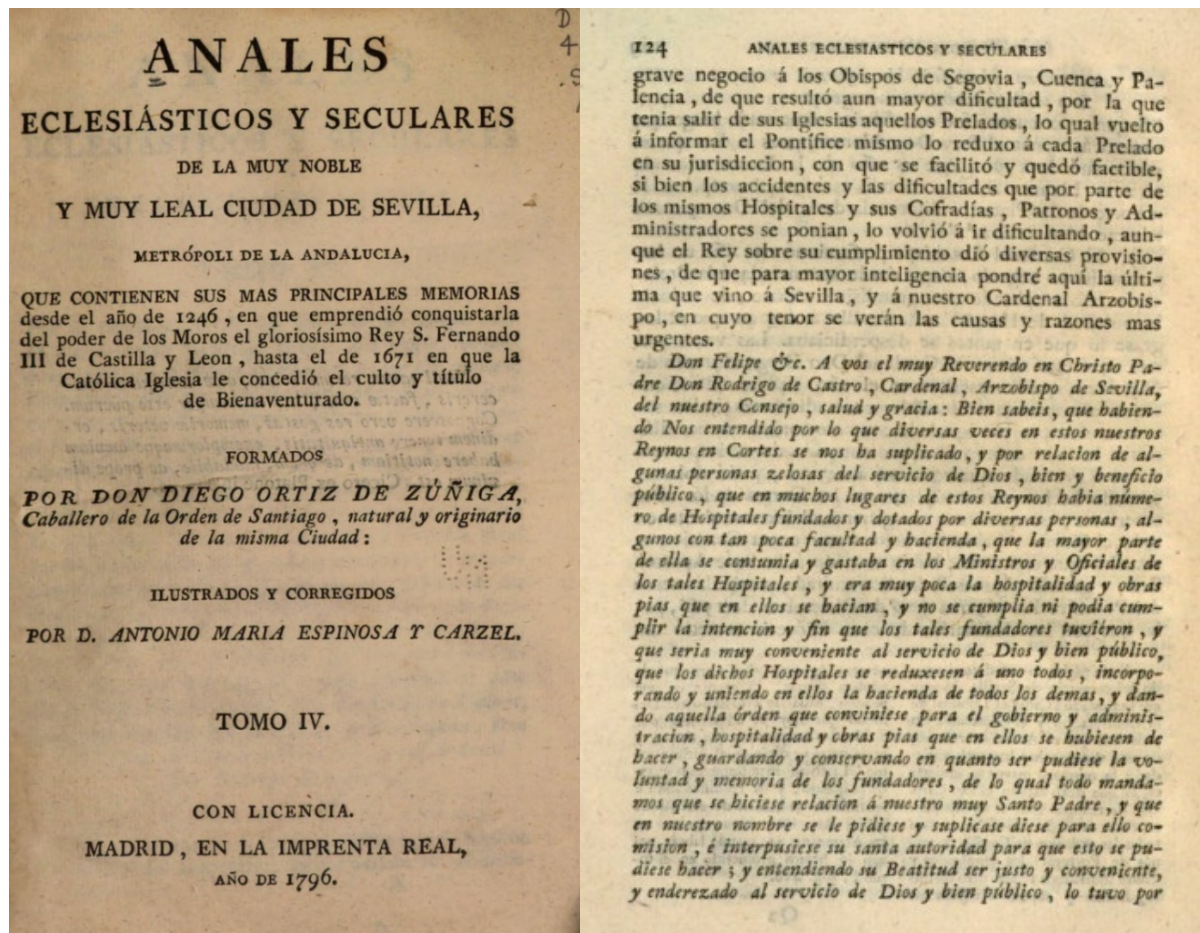
O Marquês de Tarifa foi uma voz crítica de certos decretos da rigorosa disciplina imposta pelo Concílio de Trento aos leigos, chegando a conspirar com o rei Filipe II contra o poder imposto pela igreja à governança monárquica.

“El duque de Alcála segun órdenes secretas que tenia del rey mostró en público su intencion de que integramente se observase el concilio; mas en secreto consulto cuales eram los decretos perjudiciales á la jurisdiccion Real, á fin de enviar al rey una nota.”; “El Rey le contesto que obrase com vigor, como el hacia en los reinos de España; y autorizado el duque com esta órden Real, escribió a todos los gobernadores de las provincias, á los capitanes de los pueblos del dominio Real, y á los barones que no permitiesen á los eclesiásticos infligir á los legos penas temporales.”⁽¹⁴⁾



(13) - Anales Eclesiásticos y Seculares de la mut noble y muy leal Ciudad de Sevilla da autoria de Don Diego Ortiz de Zuñiga, Tomo IV, editado em Madrid, En La Imprenta Real ano de 1796.

(14) - Colección de Documentos Inéditos para la História de España Escritos por D. Miguel Salvá, Tomo XXIII, Madrid, Impreta de la Viuda De Calero em 1853.



Em 1587, o Cardeal, arcebispo de Sevilha Don Rodrigo de Castro Osorio, escreve uma carta ao Rei Felipe II a pedir que seja reduzido o número de hospitais de Sevilha, por achar excessivo os gastos em tantas infraestruturas hospitalares, grande parte delas ligadas as confrarias e irmandades que pouca relação teriam com a cidade, alegando-se que estavam a desempenhar um papel pouco útil para a sociedade por descuido dos seus confrades. Estes hospitais, em boa parte, foram fechados e transformados em habitação, por escritura pública no notário apostólico. Com os hospitais fechados muitas confrarias e irmandades extinguiram-se, como a Ordem de Santa Cruz.

“convenia primeiro entender y tener relacion, que Hospitales y Cofradias habia en esa Ciudad, y en las otras Ciudades, Villas y Lugares”; “...deshaciéndolos y permitiéndolos convertir en casas de habitacion, de que se otorgo escritura pública...”

“Y los reducidos fuéron. En la Parroquia de Santa Maria la Mayor, nuestra Señora de Belen, nuestra Señora de la Asuncion, San Andres, San Anton, San Bartolomé, San Leandro, San Gregorio, Santa Cruz y San Clemente”, “Las Hermandades y Cofradias, á cuyo cargo estaban estos Hospitales, de que tambien muchos eran de los gremios y oficios, unas se extinguieron com su extincion, y otras se pasáron á diversas Iglesias y Conventos,...”

Em 1587 Sevilha era uma grandiosa cidade com cerca de 4000 habitantes, repleta de igrejas e conventos, com uma devoção extrema ao Santíssimo Sacramento. As confrarias e irmandades que tinham uma devoção às almas do purgatório administravam o sacramento da comunhão aos moribundos e enfermos que estavam impossibilitados de sair.

“Las cofradias que en todos hay, y particularmente las de las Parroquias, su frecuencia de fiestas repetidas á lo menos cada mês, y para ellas la magestad y decencia de ornamentos, la com que sale por Viático á los efermos, la autoridad, riqueza y aseo de los sagrarios: Á esta devocion anda estrechamente unida la de las Animas del Purgatorio por empleo de las mismas confradias,...” ; “...despues de todos os Santos se hacen las Honras comunes en cada Parroquia (y en los mas Conventos), que llaman fiesta de las Animas,...”

Em Sevilha, a Confraria das Almas e de Vera Cruz estavam no Convento de São Francisco.

“...las que distribuyen los Conventos de la Cartuxa, San Isidro, y otros; las de la Cofradia de la Vera Cruz e la de las Animas en el de San Francisco...”

Sendo o II Marquês de Tarifa Pedro Afan de Ribera, um homem mais dedicado às armas do que à devoção religiosa, Luís Alvares de Andrade na criação das procissões do Senhor dos Passos de Lisboa terá ido buscar toda a inspiração ao devoto irmão do II Marquês de Tarifa, Don Fernando Henriquez de Ribera. (1565-1590)

“Don Fernando Henriquez de Ribera, Marques de Tarifa...”, “ ...Don Fernando Henriquez de Ribera, com su aclamacion por el principio santo y Conception Inmaculada de Maria, ha dado muestras de su ingenio, letras y devocion.”

Na Revista Municipal, ano XXIII n.º 93, 4º trimestre de 1962, publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa, o artigo de Costa Garcez *Duas procissões tradicionais em Lisboa*, baseado na obra do padre Ernesto Sales, em que Frei Luís Álvares criou a procissão do Senhor dos Passos para prestar culto à Santa Cruz. Só mais tarde foi instituída esta procissão à irmandade que se denominou oficialmente por Irmandade de Vera Cruz e Passos de Cristo.



As procissões do Senhor dos Passos de Lisboa e de Braga, nascidas na era Filipina, terão sido sem dúvida um reflexo das procissões que se realizavam em Sevilha e que se poderão ter propagado pelo reino Aragonês. Mas o seu nível de ostentação Barroca e a sua monumental forma performativa dificilmente terão influenciado os meios pobres e rurais do reino, onde ainda hoje predominam práticas religiosas alicerçadas nas ancestralidades de génese distinta e relativamente modestas.

No final do século XVIII, com a Revolução Francesa e a sua expansão bélica com as invasões Napoleónicas na Europa, a queda das monarquias absolutistas e o suprimir de todas as sociedades religiosas, dá-se o declínio das irmandades de penitentes, que só retornam com a Restauração, mas em muito menor número.

Mais tarde, em Portugal, as irmandades também entram em declínio.

Em 1915, a carnificina da Primeira Guerra Mundial provoca um despovoamento nas aldeias rurais, o que incapacita a renovação de membros para as irmandades e muitas delas acabam por desaparecer.

O regime republicano, com a laicização do estado, também não foi muito benevolente para a continuação deste género de culto, pois em 1911 é aprovada a lei da separação do Estado com a Igreja, com preceitos anticlericais que agravam o conflito já patente entre o poder político e a hierarquia católica, assim como a tensão no seio de uma população maioritariamente religiosa. Um braço de ferro imposto à igreja com medidas polémicas, tais como:

- Autorização de cerimónias como procissões e outras manifestações de culto religioso no exterior, apenas onde existe esse uso e costume nas suas localidades;
- Passagem da gestão dos cultos para corporações laicas de assistência e beneficência;
- Muitas organizações de cerimónias religiosas, em que são substituídos os sacerdotes das funções organizativas pelas autoridades civis, realizam-se por regra, se apenas nos "lugares habituais e entre o nascer e o pôr-do-sol";
- Proibição, sob pena de desobediência, de qualquer sinal ou emblema religioso nos monumentos públicos, nas fachadas de edifícios particulares, ou em qualquer outro lugar público, à excepção dos edifícios habitualmente destinados ao culto de qualquer religião, monumentos funerários ou sepulturas dentro do cemitério;
- Proibição, de hábitos ou vestes talares fora dos templos e a manutenção do beneplácito, fazendo depender do Ministério da Justiça a publicação de bulas e pastorais.

Na primeira metade do século XX, algumas irmandades de penitentes sobrevivem com uma actividade reduzida estimulada pelo folclore do Estado Novo, e muitas delas são vistas pela sociedade urbana como obsoletas.

Só em 1962, com o Concílio Vaticano II, é que as irmandades de penitentes renascem. Apesar de o governo da Igreja ainda permanecer centralizado nas mãos do Papa, com a redacção do documento *Lumen Gentium*, a Igreja passa a não ser só vista como uma instituição de rígida hierarquização, mas como uma comunidade de cristãos espalhados pelo mundo promovendo igual dignidade a todos os católicos, quer sejam clérigos ou leigos.

O Concílio Vaticano II traz até aos dias de hoje a Liberdade Religiosa, que compreende a liberdade de crença, a liberdade de expressão e a liberdade de culto que permite ao cristão orar e praticar actos próprios de manifestação religiosa em casa ou no exterior em público.

Hoje, as irmandades de penitentes transformam-se em conservatórios naturais de fé, caridade, quase sempre alinhadas com a cultura regional e local, florescendo em toda a Europa do Sul.

Enquanto houver gente com sentido de pertença na perseveração da memória colectiva, a longevidade dos penitentes estará sempre alicerçada no seu espírito humanista.

*"Os penitentes de hoje, como os de ontem, que são apenas leigos, respondem a uma dupla necessidade: uma necessidade social, uma vez que participam de diversas actividades de sua comunidade, como assistir os moribundos, enterrar os mortos, ajudar os enfermos; e uma necessidade espiritual, por vezes tradicional, como a organização de festas religiosas e **procissões**, ou actual como a preocupação, numa sociedade marcada pela indiferença, de manter um pouco de fraternidade e calor humano. Ser penitente nunca significou, portanto, exclusivamente, a busca da expiação individual e solitária, mas o desejo de partilhar também com todos aqueles que sofrem uma parte do seu fardo."* (15)

As práticas de culto seculares, foram sem qualquer dúvida importadas e exportadas para geografias diversas, mas no seu cerne está uma cultura religiosa agregadora. Frutos dos antigos mosteiros, autênticos laboratórios que assimilaram e salvaguardaram uma infinidade de conhecimento, os frades foram a mais importante rede de transportes de conhecimento e religiosa sabedoria, e esta espalhou-se pelo mundo, possibilitando aos devotos leigos o assimilar de aptidões que foram colocadas em prática nas ordens das suas irmandades e confrarias.

Nos dias de hoje, junto aos mares de Liguria e Tirreno, mais concretamente no norte da Sardenha, a ordem de Santa Cruz de Castelsardo realiza todos os anos na Semana santa, a procissão Lunissanti, que é composta por muitos resquírios que nos podem transportar para a Procissão dos Penitentes de Lavacolhos. Apesar de existirem teorias de que a procissão Lunissanti não tem relação com o reino Aragonês e remonte à Idade Média, a sua origem não está documentada.

Devido à existência da igreja de San Pancrazio do séc. XII, abadia de um grande mosteiro de origem beneditina, sita a poucos quilómetros de Castelsardo, pensa-se que a procissão Lunissanti terá surgido com os monásticos beneditinos, que se dedicavam à passagem de testemunho religioso aos leigos de Tergu e Castelgenovese (hoje Castelsardo).

A memória destes frades pernamem no tempo através das práticas religiosas executadas pela irmandade secular, Confraria do Oratório de Santa Croce de Castelsardo. O seu rito manteve-se em latim mesmo após o Concílio Vaticano II que aboliu o latim na missa, como em todos os rituais associados às celebrações religiosas.

Segundo a definição do antropólogo Stanley Tambiah:

"o ritual é um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica. Consiste em sequências de palavras e acções, estruturadas e ordenadas e muitas vezes expressas com múltiplas significâncias, cujo conteúdo e disposição se caracterizam em graus variados por formalismo (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)"

(15) - Hervé Barelli, *As Irmandades dos Penitentes de Saint-Étienne de Tinée*, 1993, p. 128.

As semelhanças ritualísticas entre a procissão Lunissanti e a Procissão dos Penitentes de Lavacolhos assentam em coincidências interessantes:

- Realizam-se na Semana Santa e ambas representam a Paixão de Cristo;
- As suas tradições são transmitidas pelos elementos que participam através da via oral;
- Não existe qualquer documentação que ateste a origem dos Rituais;
- Evento que no passado era para uso exclusivo da comunidade local, e que nos dias de hoje começa a ser procurado pelo sector do turismo religioso, correndo o risco de se perder a essência intimista do ritual;
- Ambas estão inseridas em redes locais de promoção de turismo religioso;
- Os elementos que participam no cortejo fazem parte ou têm raízes na comunidade.
- Os ritos são agregadores e colectivos, com forte cariz de pertença da comunidade ou irmandade;
- Uma acção simbolicamente codificada, em que se segue um guião que representa o momento dramático da vida de Cristo, com o intuito de recordar que a salvação dos participantes será através da oração e penitência;
- O espaço performativo são as ruas da aldeia;
- Durante a celebração não existe qualquer iluminação Pública;
- A configuração do cortejo religioso, a disposição dos quadros cénicos com parte do seu conteúdo e movimentação;
- A procissão Lunissanti têm cantores, os Penitentes de Lavacolhos têm os Regras, ambos são o fio condutor de toda a dinâmica da celebração;
- A procissão Lunissanti canta o Miserere, os penitentes de Lavacolhos recitaram-no no passado;
- Alguns quadros cénicos e performances apresentam nuances similares entre as duas procissões. (16)



Lunissanti – Foto web

Foto de Pedro Delgado Vilaça - Lavacolhos

(16) - *La Confraternita di Santa Croce: il Lunissanti e il canto tra tradizione e mutamento*, Capítulo 2, di Francesca Galeotti, Sofia Licini, Anna Parisi, Silvia Trinchera.

Ainda nos dias de hoje as práticas performativas de penitência não se limitam a uma ilha no meio do mediterrâneo, mas realizam-se nos cinco cantos do mundo. Sabemos que provêm de grupos de leigos inspirados pelas severas práticas das ordens monásticas espalhadas pela Europa e mais tarde pelos restantes continentes, o que impossibilita situar no tempo e no espaço o nascimento destas práticas de religiosidade popular.

Contextualizar a Procissão dos Penitentes de Lavacolhos cronologicamente é deveras uma missão impossível. O registo escrito mais antigo que descreve a manifestação dos Penitentes de Lavacolhos data de 5 de abril de 1959 e foi redigido, curiosamente, por um padre – José António Baptista – no semanário da Beira Baixa. Aí descreve a procissão e classifica-a como sendo de origem popular:

(...) Cerca de uma ou duas horas da madrugada, pela escuridão da noite fria e gelada (...) apareciam, uns vultos brancos, quais fantasmas, que, em tom plangente e soturno, iam entoando as suas lamentações e súplicas ao Senhor Deus, (...). À frente a abrir o cortejo, uma grande cruz de madeira, com uma toalha branca pendente dos braços; ao lado duas mortijas lanternas, vultos brancos, homens e rapazes, completamente descalços, em atitude de penitência, envoltos num lençol alvinitente, corda apertada à cinta, cabeça coberta pelo mesmo lençol, que também lhe oculta o rosto, e coroa de vimes ou silvas; a seguir mais dois vultos conduzindo duas salvas com instrumentos de paixão: cravos, martelos etc.; mais dois conduzem as escadas, e o santo sudário; outros seguem agora a regra, as ladainhas, os que presidem à função: seguem-se agora quinze a vinte pares ou mais, distanciados uns dos outros cerca de dois metros; na cauda mais um vulto branco que arrasta uma relha ou outra peça de ferro pelas pedras da calçada, chamando a atenção para o sentido de penitência que a todos deve animar; Logo a seguir um outro que, a fortes pancadas de correia vibradas nas suas costas ou em qualquer outro objeto, lembra ainda o sentimento de arrependimento e penitência dos próprios pecados; finalmente a encerrar o cortejo, o Senhor dos Passos a dar todo o simbolismo de reparação e dor a toda essa autêntica procissão de Penitência; o “Senhor dos Passos” é um homem que faz todo o percurso da procissão, encostado a um cajado e sempre na posição das imagens que por aí vemos do Senhor dos Passos. (...) Entretanto todos vão recitando uma ladainha de súplicas de penitência que me parece inédita (...); de resto logo se vê pela sua redacção ser de origem popular...

Jaime Lopes Dias, etnógrafo beirão, também caracteriza a Procissão dos Penitentes de Lavacolhos e do Paul no volume IX da *Etnografia da Beira* (1963):

“Facto estranho, impressionante, o mais chocante de todos os do culto cristão pelo que tem sacrifício e inenarrável devoção, com dezenas de mortais que voluntariamente se submetem a sofrimento e martírio de extraordinária dureza, é esta procissão, que durante a Quaresma, tem lugar na ridente Cova da Beira, nas povoações do Paul e Lavacolhos.”

Carlos Gravito, etnomusicólogo, conterrâneo de Lavacolhos, escreve na sua tese de etnomusicologia na Universidade de Sorbonne, *Os Bombos de Lavacolhos – aspectos rituais*,

editado pela Câmara Municipal do Fundão em 1997, descreve a Procissão dos Penitentes de Lavacolhos da seguinte forma:

“Na Quinta-feira Santa tem lugar, à meia-noite, uma prática curiosa e impressionante ligada ao culto dos mortos. Os habitantes fazem, então, uma representação particular da Paixão: ”os Penitentes” .

“Os homens que querem participar reúnem-se na igreja, cobrem-se com um lençol e vão, descalços, dar a volta ao povoado. À frente, um dos participantes leva uma cruz donde pende uma toalha branca e é ladeado por dois indivíduos com duas candeias e mais dois instrumentos da Paixão. Eles são seguidos empunhando velas e rezando pelas almas do purgatório. Atrás, um dos participantes arrasta, atada a um pé, a relha de um arado. Fechando o cortejo, um outro, apoiado num bastão, avança lentamente, mas com largas passadas, como que “apanhando os passos de Cristo”. Enfim, os “guardas” são encarregados de corrigir as pessoas que não respeitam com serenidade o desenrolar da cerimónia. Há um participante (“o da correia”) que deveria de flagelar os restantes mas que, na verdade, bate com um cinto nas portas das habitações, quando o grupo clama “... e de nós.” Em resposta ao que entoam: “Senhor, pelos tormentos que padeceste, tem misericórdia de mim!”.

Enquanto para muitos dos habitantes mais velhos de Lavacolhos (alguns deles participantes na Procissão desde crianças) esta manifestação religiosa é imediatamente associada ao percurso e ao sofrimento das últimas horas de Cristo – assumindo-se, por isso, que existe um vínculo óbvio à religião católica –, uma outra teoria comumente invocada remete a sua origem à Idade Média, especificamente a uma procissão realizada pelos leprosos, ***“(…) ali vinham penitenciar-se dos pecados e pedir clemência.”*** (17)

Conta-se que os “leprosos”, “morfeicos” ou “gafos” porque estavam impedidos de circular nas localidades durante o dia – devido à possibilidade de “contágio” e à hereditariedade do ***“sangue ruim”*** – realizavam o seu cortejo à noite, quando se recolhia a restante população. (18)

Maria Antonieta Garcia propõe, ainda, uma outra hipótese: ***“por se tratar de uma manifestação de religiosidade popular que ocorre em inícios da primavera (equinócio) – e atendendo aos símbolos e objectos usados na procissão (relha, candeia, chicote, vara, martelo ou escada) –, poderá ter origens ancestrais em rituais cíclicos relacionados com as práticas agrícolas, uma actividade de extrema importância em localidades rurais do Interior, como é o caso do Paul e de Lavacolhos. O equinócio é ancestralmente encarado como um momento de renovação ou ressurreição da natureza, sendo notória a influência que os ciclos solares têm no regimento de todos os aspectos da vida humana, nomeadamente nos ciclos agrícolas e na relação com o sagrado.”*** (19)

(17) - Festividades da Páscoa Beirã, Maria Antonieta Garcia, p. 27, 2003.

(18) - Etnografia Portuguesa, Vol. IX. Vasconcelos, José. p.471, 1982.

(19) - Festividades da Páscoa Beirã, Maria Antonieta Garcia, p. 31, 2003.

Se estamos perante uma tradição secular que sobrevive de antigos rituais religiosos e agrários e que a memória oral rural mantém viva, então, em princípio, não devemos estar apenas perante a representação de uma história que se passou há mais de 2000 anos, mas a um culto à regeneração do alimento que possibilita a continuidade humana. A pesada representação cénica também não remete só para um universo dantesco, ou para a barca que transporta as almas penadas em direcção ao Paraíso ou ao Inferno. No meu sentir, vejo também um culto de homenagem aos que já partiram, através de uma simulada purga, no passado como hoje, floreada com o momento da Paixão do Senhor. Ou talvez seja mais do que uma reminiscência de velhos cultos e práticas ancestrais, com algumas significâncias perdidas no tempo.

José Frade Garcia, que tem nos dias de hoje 97 anos e foi presidente da Junta de Freguesia de Lavacolhos entre 1976 e 1979, diz-nos que o seu avô sempre participou na Procissão dos Penitentes de Lavacolhos. Se questionarmos a comunidade, todos respondem que esta prática tem mais de 200 anos.

Acredito que esta procissão deve de ser uma prática da Irmandade das Almas, que já existia em 1758, logo poderemos concluir que esta Procissão terá pelo menos 267 anos.

Apesar das incertezas e das hipóteses quanto à sua génese e origem, fica claro que a componente cénica desta procissão é o seu aspecto mais importante, submetendo-se à interpretação (e fé) de quem a observa e nela participa. Para alguém que, de fora, assiste à procissão, aos seus quadros cénicos e as performances associadas revelam uma profunda natureza artística, imposta pelos vultos trajados de branco (os Penitentes) e de marron (os Guardas). Estas almas deambulantes, que percorrem as ruas escuras da localidade como um templo sagrado, são apenas iluminadas pela luz da Lua, que tem testemunhado esta prática ao longo dos tempos. Se ela persiste e resiste é graças ao sentido de resiliência e pertença da comunidade de Lavacolhos que não permite que sequem as suas raízes.



Foto de Pedro Delgado Vilaça

II. Documentação:

10. Bibliografia:

Abade Jacques-Paul Migne: Enciclopédia teológica ou série de dicionários sobre todas as partes da ciência religiosa, volume 35: Dicionário de teologia dogmática, volume III, Paris, JP. Migne editor, 1850, p. 1389.

Azpilcueta, Martin, Manual de confesores y penitentes, publicado em 1557.

Black, Christopher F; Italian Confraternities in the Sixteenth Century - Department of Modern History University of Glasgow.

Colección de Documentos Inéditos para la História de España escrito por D. Miguel Salvá, Tomo XXIII, Madrid, Imprenta de la Viuda de Calero, 1853.

Dias, Jaime L., Etnografia da Beira: Lendas, Costumes, Crenças e Superstições, 2ª ed., Vol. IX. Lisboa: Liv. Férrin, 1963, 122-133.

Don Diego Ortiz de Zuñiga, Anales Eclesiásticos y Seculares de la mut noble y muy leal Ciudad de Sevilla, Tomo IV, Madrid, La Imprenta Real, 1796.

Frade Joseph de Jesus Maria, Espelho de Penitentes e Chronica de Santa Maria da Arrábida, 1737.

Francesca Galeotti, Sofia Licini, Anna Parisi, Silvia Trincherà, La Confraternita di Santa Croce: il Lunissanti e il canto tra tradizione e mutamento, Capítulo 2.

Frei Luís de Granada, Vita Christi Enel qual fe contienen los principales paffos y mifterios de la vida de Christo, Lisboa, Ioannes Blauio, 1561.

Frei Luiz de Sousa, Vida do beato Henrique Suso – Considerações das lágrimas de N. Senhora, 1764.

Garcez, Costa, Revista Municipal, ano XXIII nº 93, 4º trimestre de 1962, publicação cultural da Câmara Municipal de Lisboa, Culto Lisboeta.

Garcia, Maria A., Festividades da Páscoa Beirã. Coimbra; Castelo Branco: Alma Azul, 2003, 22-35.

Gravito, Carlos, Os bombos de Lavacolhos – aspectos e rituais, ed. Câmara Municipal do Fundão, 1997, 50.

Hervé Barelli, As Irmandades dos Penitentes de Saint-Étienne de Tinée, 1993, p. 128.

Memórias Paroquiais 1758, nº 62 A Folhas 463 do TOMO XIX.

O Sacramento, e Ecuménico Concílio de Trento em Latim, e Português: dedicada e consagrada aos Exel., e Rer. Senhores Bispos da Igreja Lusitana, João Baptista Reycend, t.I, 2ª ed. Lisboa na Oficina Patriarc. De Francisco Luís Ameno, 1786, p. 153.

Oliveira, Ernesto Veiga, Festividades Cíclicas em Portugal. Lisboa: D. Quixote, 1984. REIS, Jessyluce C., "Religiosidade Popular: o poder simbólico cultural e a interpretação do sagrado". Em Revista Mosaicum (6), ago./dez. 2007. [Consult. a 27 de maio de 2022]. 67-76.

Os Leigos na Idade Média entre eclesiologia e história, SER-SA, Estudos, 2005/1 - Volume 402.

Pascoal, José B. S. D. C., A Procissão dos Penitentes: mudança numa comunidade da Beira Baixa [Em linha]. Orientador: António Fernando Gomes Medeiros. 2019. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Antropologia, Departamento de Antropologia, Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE-IUL, Lisboa. [Consult. em 25 de maio de 2022].166.

Reis, Isaura, Moda do Bombo - A voz do povo de Lavacolhos; 2023, Junta de freguesia de Lavacolhos. 30.

Ribeiro, Bartolomeu, Os Terceiros Franciscanos Portugueses: Sete Séculos da sua História, Braga, Tipografia Missões Franciscanas, 1953.

Rudge, F.M. Humiliati. The Catholic Encyclopedia. Vol. 7. New York: Robert Appleton Company, 1910. 15 Oct. 2014.

Taborda, José da Cunha, Regras da Arte e Pintura, Lisboa: Impressão Regia, 1815.

URBI (18 de fevereiro de 2015). "Fundão assinala tradições pascais com mais uma Quadragésima". [Em linha]. Em Urbi et Orbi - Jornal On-line da Universidade da Beira Interior. [Consult. em 28 de maio de 2022].

Vasconcellos, José L. D; Etnografia Portuguesa, Vol. IX. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

Vauchez, André, La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge, op. Cit; Francisco de Assis: entre história e memória, Paris, Fayard, 2009.

11. Fontes escritas:

N.º	Autor	Título
084	Assoc. Port.salvaguarda PCI – M. Fundão	Primeiras Jornadas para a Salvaguarda do PCI da Beira Interior
085	Município do Fundão	Programa Quadragésima
086	Município do Fundão	Cartaz Quadragésima
087	Junta de Freguesia de Lavacolhos	Publicação Facebook – Procissão dos Penitentes de Lavacolhos
088	Junta de Freguesia de Lavacolhos	Publicação Facebook – Procissão dos Penitentes de Lavacolhos

089	Junta de Freguesia de Lavacolhos	Publicação Facebook – Procissão dos Penitentes de Lavacolhos
090	Município do Fundão	Programa Quadragésima
091	Município do Fundão	Tradições da Quaresma
092	Jaime Lopes Dias	Livro – Etnografia da Beira Vol. IX
093	Maria Antonieta Garcia	Livro – Festividades Beirã
094	PÚBLICO	Lavacolhos perpétua tradição centenária na Quaresma
095	Beira.pt	Fundão assinala tradições pascais com mais uma Quadragésima
096	URBI.UBI.pt	Fundão assinala tradições pascais com mais uma Quadragésima
098	Observador	Assim se celebra a Páscoa no Centro de Portugal
099	Aldeias Históricas de Portugal	Tradições da Quaresma
100	Agência LUSA	Programa cultural promove tradições religiosas da Quaresma
101	Agência LUSA	Cultura e tradições religiosas na Quadragésima do Fundão
102	CM-Fundão.pt	Quadragésima une cinco concelhos da Beira Interior...
103	Diário de Notícias – Paulo Barbosa	Lavacolhos, aldeia com identidade
104	Diário de Notícias	Cultura e tradições religiosas na Quadragésima do Fundão
105	Diário Digital Castelo Branco	Quadragésima - Tradições da Quaresma e Semana Santa do Fundão
107	Aldeias Históricas de Portugal	Quadragésima – Ciclo das Tradições da Quaresma
108	Revista Business Portugal	Lavacolhos a Casa do Bombo
109	Salamanca Al Dia	Especial Semana Santa 2019
110	Agência ECCLESIA	Tradições no Fundão
111	Câmara Municipal do Fundão	Ata da reunião de 31/05/2014
112	Junta de Freguesia de Lavacolhos	Ata nº 3/2023
113	José Bernardo da Silva Pascoal	Procissão dos Penitentes: Mudança numa comunidade da Beira Baixa
114	Comunidade de Lavacolhos	Martírios do Senhor da Ladainha dos Passos
115	José Viriato Capela, Henrique Matos, Sandra Castro	Memórias Paroquiais Castelo Branco, Portalegre e Olivença
116	Cláudia Faria e Paulo Barbosa	Tradição da Procissão dos Penitentes: Entre Lavacolhos e Paul
117	Paulo Barbosa	Ficha de inventariação Anexo - I
118	Paulo Barbosa	Ficha de inventariação Anexo - II
119	Paulo Barbosa	Ficha de inventariação Anexo – II B
120	Paulo Barbosa	Curriculum Vitae

12. Fontes orais:

075	Paulo Barbosa	Entrevista a Américo Simão
077	Paulo Barbosa	Entrevista a Ascensão Gravito
078	Paulo Barbosa	Entrevista a Hermínia Fernandes
079	Luís Antero	Registo sonoro – Entrevista a Abílio Guerra e José Gravito
097	Paulo Barbosa	Registo sonoro – Entrevista a Márcia Guerra
100	Paulo Barbosa	Registo sonoro – Entrevista a Joana Rasgado
106	Paulo Barbosa	Registo sonoro – Entrevista a Luís Simão (Senhor dos Passos)
121	Paulo Barbosa	Registo sonoro – Entrevista a Nicole Figueira

13. Fotografia:

N.º	Autor	Descrição
001	Diamantino Gonçalves	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
002	Diamantino Gonçalves	Procissão, 4º Quadro Cénico – Estandarte
003	Diamantino Gonçalves	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
004	Diamantino Gonçalves	Procissão, penitente com a candeia
005	Diamantino Gonçalves	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
006	Diamantino Gonçalves	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
007	Diamantino Gonçalves	Procissão, 4º Quadro Cénico – Estandarte
008	Gonzalo Arroyo	Procissão, 1º Quadro Cénico – Cruz com pano branco
009	Gonzalo Arroyo	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
010	Gonzalo Arroyo	Procissão, 5º Quadro Cénico – Regras
011	Gonzalo Arroyo	Procissão, 7º Quadro Cénico – Penitente da relha
012	Gonzalo Arroyo	Procissão, 8º Quadro Cénico – Penitente Senhor dos Passos
013	Miguel Proença	Preparação - Procissão, 1º Quadro Cénico – Cruz com pano branco
014	Miguel Proença	Procissão, penitente com a candeia
015	Miguel Proença	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
016	Miguel Proença	Procissão, 8º Quadro Cénico – Penitente Senhor dos Passos
017	Miguel Proença	Procissão, 4º Quadro Cénico – Estandarte
018	Miguel Proença	Procissão, 1º Quadro Cénico – Cruz com pano branco
019	Miguel Proença	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
020	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 3º Quadro Cénico – penitentes com Bandeja/Escadas
021	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
022	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 6º Quadro Cénico – Penitente do chicote
023	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 1º Quadro Cénico – Cruz com pano branco
024	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 3º Quadro Cénico – Penitentes com Bandeja/Escadas
025	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 3º Quadro Cénico – Bandeja
026	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 6º Quadro Cénico – Penitente do chicote
027	Nuno Respeita 47 Shootz	Procissão, 4º Quadro Cénico – Estandarte
028	Paulo Barbosa	Preparação da procissão
029	Paulo Barbosa	Procissão - Guarda
030	Paulo Barbosa	Procissão - Guarda
031	Paulo Barbosa	Preparação da procissão - Entrada dos participantes na igreja
032	Paulo Barbosa	Preparação da procissão - Entrada dos participantes na igreja
033	Paulo Barbosa	Preparação da procissão
034	Paulo Barbosa	Preparação da procissão
035	Paulo Barbosa	Preparação da procissão
036	Paulo Barbosa	Preparação da procissão
037	Paulo Barbosa	Procissão dos penitentes de Lavacolhos
038	Belarmino Lopes	Procissão dos penitentes de Lavacolhos
039	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
040	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 3º Quadro Cénico – Penitentes com Bandeja/Escadas
041	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 7º Quadro Cénico – Penitente da relha
042	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
043	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 1º Quadro Cénico – Cruz com pano branco

044	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 7º Quadro Cénico – Penitente da relha
045	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica
046	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 4º Quadro Cénico – Estandarte
047	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 5º Quadro Cénico – Regras
048	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 7º Quadro Cénico – Penitente da relha e Penitente Senhor dos Passos
049	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 8º Quadro Cénico – Penitente Senhor dos Passos
050	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 7º Quadro Cénico – Penitente da relha e Penitente Senhor dos Passos
051	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 2º Quadro Cénico – Pergaminho/ Véu de Verónica - Guarda

052	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 3º Quadro Cénico – Penitentes com Bandeja/Escadas
053	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 8º Quadro Cénico – Penitente Senhor dos Passos
054	Pedro Delgado Vilaça	Procissão, 3º Quadro Cénico – Penitentes com Bandeja/Escadas
055	Paulo Barbosa	Património Móvel Coroa
056	Paulo Barbosa	Património Móvel Cruz com pano
057	Paulo Barbosa	Património Móvel Hábito dos guardas
058	Paulo Barbosa	Património Móvel Pergaminho/Véu de Verónica
059	Paulo Barbosa	Património Móvel Bandeja, martelo, cravos, turquês e vela
060	Paulo Barbosa	Património Móvel Candeia
061	Paulo Barbosa	Património Móvel Chicote
062	Paulo Barbosa	Património Móvel Escadas
063	Paulo Barbosa	Património Móvel Estandarte
064	Paulo Barbosa	Património Móvel Relha
065	Paulo Barbosa	Património Móvel Varas
066	Paulo Barbosa	Património Móvel Irmandade das Almas
067	Paulo Barbosa	Património Móvel Matraca
076	Diamantino Gonçalves	Património Imóvel Igreja de Lavacolhos/Aldeia

14. Filme:

N.º	Realização	Data	Título
068	Nuno Respeita 47 Shootz	2023	Procissão dos Penitentes de Lavacolhos
069	Joana Rasgado	2022	Procissão, 6º Quadro Cénico – Penitente do chicote
070	João Borges	2009	Procissão dos Penitentes de Lavacolhos
071	Paulo Barbosa	2023	Procissão dos Penitentes de Lavacolhos
072	Polikarpous	2016	Procissão dos Penitentes de Lavacolhos
073	Marta Ramos/José Oliveira	2022	Genesis
074	Paulo Barbosa	2025	Matraca

15. Som:

Luís Antero | Gravações Sonoras de Campo Paisagens Sonoras da Quadragésima 2016

www.luisantero.bandcamp.com/album/paisagens-sonoras-da-quadrag-simaSite - bandcamp

080	Luís Antero	Registo sonoro - Procissão
081	Luís Antero	Registo sonoro - Procissão

16. Outra documentação:

N.º	Autor	Data	Título
082	Google Earth	2025	Vista aérea de Lavacolhos
083	Google Earth	2025	Vista aérea de Lavacolhos

III. Direitos Associados

17. Tipo:

Direito coletivo consuetudinário.

18. Detentor:

Comunidade de Lavacolhos

IV. Património Associado

19. Património Cultural

19.1. Móvel:

Pertença dos penitentes participantes



- Lençol veste do penitente



- Coroa de videira.

Pertença e à guarda da Junta de freguesia de Lavacolhos



- Hábito marron dos guardas



- Estandarte processional em pano de seda com cerca de dois metros de altura. Pintado em ambos os lados, com a figura de Cristo jazido. Armado em verga, suspenso na vertical com duas varetas horizontais e a haste vertical em forma de cruz. O estandarte é fixo com uma corda de algodão na haste ou mastro móvel de madeira com cerca de 3 m.



- Pergaminho em pele com a face de Jesus Cristo/Véu de Verónica.

Pertença e à guarda na Igreja Matriz de Lavacolhos



- Cruz de penitência com pano branco enrolado.



- Candeias de velas.



- Bandeja com cravos, turquês, martelo e uma vela acesa.



- Chicote



- Relha



- Varas (Penitente Senhor dos Passos e guardas)



- Escadas

19.2. Imóvel:

O património cultural imóvel associado:

É constituído pelas ruas da aldeia por onde passa a procissão (Rua da Pereirinha, Rua do Adro, Estrada Nacional 238, Rua de Santo Amaro, Rua da Travessa, Rua de São Sebastião, Ruas das Figueiras).

Pela igreja de Santo Amaro (Matriz de Lavacolhos), reconstruída em 1890, embora não se conheça a data da sua primeira edificação: deve ser posterior ao século XIV porque não consta no catálogo das igrejas do Reino redigido em 1320 e 1321. Um templo de dimensões pequenas construído em alvenaria de pedra, rebocado com argamassa e pintado, planta longitudinal com uma só nave com uma cobertura de duas águas em telha lusa. Fachada principal ladeada por cunhais em pedra assentes sobre base e rematada no topo com pináculos decorativos de base quadrangular em cantaria. Porta revestida com ombreiras em cantaria e verga com um arco perfeito, onde está uma insígnia em cantaria e um óculo quadrilobado. Um corpo lateral com torreão sineiro de dois vãos e com escada de acesso pelo exterior.

O seu interior é constituído por três altares, o principal de Santo Amaro, orago da aldeia, e os outros dedicados às Almas e à Virgem do Rosário.



Foto da web

19.3. Imaterial:

A génese da procissão é uma prática performativa de religiosidade popular/pagã que se tem mantido viva ao longo dos anos pelo forte sentido de pertença à sua comunidade, e esta não desiste em salvaguardar a imaterialidade das suas memórias e tradições.

O acto performativo tem simbólica significância, pois devido ao seu vínculo imaterial, estará sempre presente na estimulação sensorial de todos os participantes e espectadores. A sua ladainha, apesar de imperceptível, é o fio narrativo e condutor de toda a imaterialidade verdadeiramente vivida.

Martírios do senhor da ladainha dos passos

(Começar à porta da igreja)

A Santíssima trindade,
É um só Deus.
Espírito santo,
É um só Deus, é um só Deus.

(Nos dias de hoje na procissão dos penitentes de Lavacolhos só se realiza esta parte da ladainha sem os passos)

Regras: Jesus preso como um ladrão, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus pela rua da amargura, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus negado 3 vezes por São Pedro, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus vendido por trinta dinheiros, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus sob compaixão chorais, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus de casa de Anás para casa de Caifás, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus arrastado pelas cordas, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus prostrado em traição, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus vestido com a púrpura branca, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus coroado de espinhos, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus despido com afrontas, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus cercado de algozes, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus vestido com púrpura encarnada, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus vestido com uma púrpura de Rei, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus com uma cana verde na mão, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus arrastado pelos cabelos, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus desfalecido aos pés dos homens, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus sem força e sem alento, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus preso a uma coluna, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus na varanda de Pilatos, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus pregado numa cruz, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus que morreu no calvário, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus que morreu por nosso amor, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus amortalhado num limpo lençol, tende piedade.

Coro: De nós.

Regras: Jesus que desceu ao santo Sepulcro, tende piedade.

Coro: De nós.

(No passado a Procissão dos Penitentes só era realizada na Sexta-feira Santa à meia-noite se a ladainha dos passos fosse realizada uns dias antes, iniciada à porta da igreja. Hoje não se faz.)

A Santíssima Trindade,

É um só Deus.

Espírito Santo,

É um só Deus. (Bis)

(Repete sempre depois de cada frase)

Tende misericórdia

(respondem todos os penitentes)

De nós

(Cantam em andamento até parar)

(Paragem atrás da capela do Espírito Santo)

1º Passo (Sentença de Cristo)

Adoro-vos ó meu Jesus

Pelos homens condenados

A levar em vossos ombros

Esse madeiro pesado

Ó infinita bondade

Que sofreis por meu amor

Perdoai as minhas culpas

Já que sois meu redentor

Coro

MISERÉRA MEU DEUS

SEGUNDO NÓMAGUINUM

MISERICÓRDIA SUA

(Coro reza)

Pai Nosso e Ave Maria

Continua a procissão com as primeiras frases de Jesus

(Paragem à porta da capela do Espírito Santo)

2º Passo (primeira queda de nosso senhor)

Adoro-vos ó meu Jesus
Com essa cruz oprimido
Que a terra fez inclinar-vos
Por eu vos ter ofendido

Ai de mim ó pai do céu
Que dos homens sois pisados
Quem me dera Jesus meu
Contra vós não ter pecado

(Coro reza)

Pai Nosso e Ave Maria

Continua a procissão com as primeiras frases de Jesus

(Paragem ao fundo da rua do Soalheiro)

3º Passo (Encontro de Maria Santíssima com Jesus)

Adoro-vos ó meu Jesus
No encontro de vossa Mãe
Cujas penas vós sentis
Como filho e como pai

Que grande excesso de amor
Que triste o teu coração
Pelas suas e vossas dores
Tende de nós compaixão

(Coro reza)

Pai Nosso e Ave Maria

(Paragem no cimo da rua do Soalheiro)

4º Passo (segunda queda de nosso senhor)

Adoro-vos ó meu Jesus
Segunda vez humilhado
Sem alento aos pés dos homens
Por quem foste ultrajado

Se nesse estado penoso
Quereis ter um Cerinéu
Fazei sentir suas culpas
A quem tanto vos ofendeu

(Coro reza)

Pai Nosso e Ave Maria

(Paragem no Largo da Amoreira)

5º Passo (Verónica limpa a cara de Jesus)

Adoro-vos ó meu Jesus
No abismo da confusão
Em que uma Santa mulher
Teve de vós compaixão

Se limpar o vosso rosto
Foi obra de caridade
Pela vossa também espero
Tenhais de mim caridade

Coro: MESERÉRA MEUS DEUS
SEGUNDO NOMAGUINUM
MISERICÓRDIA SUA

(Paragem no fim da rua da Amoreira ao lado da igreja)

6º Passo

Adoro-vos ó meu Jesus
Tão lamentado e sentido
Por mulheres piedosas
Que vos viram tão ferido

Meu deus, meu doce Pai
Meu coração vos ofereço
Dai-me o que eu hei-de mister
Não me dêis o que mereço

(Coro reza)

Pai Nosso e Ave Maria

(Paragem à porta da igreja)

7º Passo (Jesus desfalecido)

Adoro-vos ó meu Jesus
Quase morto e angustiado
Derramando pela terra
Vosso sangue tão sagrado

Ó que dor, que sentimento
Desfalecido outra vez
O rei do Céu e da Terra
Que tudo criou e fez

(Coro reza)

Pai Nosso e Ave Maria

(Adaptação: José Paulo)



Foto de Pedro Delgado Vilaça